



UFGRS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

IFCH

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ORIENTADOR: Temístocles Cezar

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**GIAMBATISTA VICO
E UMA
HISTÓRIA ESPIRALAR
DA MENTE**

PERSPECTIVA TROPOLÓGICA

Helio Antonio Rossi de Castro

2012

SUMÁRIO:

1. INTRODUÇÃO - **3**
2. BIOGRAFIA E OBRA DE GIAMBATISTA VICO - **4**
3. *CIÊNCIA NOVA* - **9**
 - 3.1. ALGUNS AFORISMAS - **9**
 - 3.2. LÓGICA POÉTICA - **12**
 - 3.3. CURSO DAS NAÇÕES - **13**
4. OPINIÕES SOBRE VICO - **14**
5. INTÉRPRETES CONTEMPORÂNEOS DE VICO - **31**
 - 5.1. CROCE - **31**
 - 5.2. COLLINGWOOD - **34**
 - 5.3. WHITE - **36**
6. TEORIA DOS TROPOS - **39**
7. PRESSUPOSTOS DA PESQUISA - **42**
8. DESENVOLVIMENTO DA MENTE HUMANA - **46**
 - 8.1. FENÔMENOS PERINATAIS - **46**
 - 8.2. DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA - **47**
 - 8.3. PSICODINÂMICA DOS SONHOS - **47**
 - 8.4. PRINCÍPIOS DA *GESTALT* DA ORGANIZAÇÃO PERCEPTUAL - **48**
9. HISTÓRIA DA MENTE HUMANA - **50**
 - 9.1. PRÉ-HISTÓRIA DA MENTE - **50**
 - 9.2. PRÉ-HISTÓRIA E ANTIGUIDADE - **52**

PROJEÇÕES MITOLÓGICAS DO INCONSCIENTE COLETIVO
 - 9.3. NEOLÍTICO E ANTIGUIDADE - **56**
 - 9.4. IDADE MÉDIA - **60**
 - 9.5. IDADE MODERNA E CONTEMPORÂNEA - **63**
10. OUTRAS VISÕES TROPOLÓGICAS DA HISTÓRIA - **69**
 - 10.1. FOUCAULT - A LOUCURA - **69**
 - 10.2. BARZUN E WHITE - A HISTÓRIA E A LITERATURA - **70**
 - 10.3. HISTORIOGRAFIA - **71**
11. COMENTÁRIOS - **73**
12. CONCLUSÕES - **77**
13. BIBLIOGRAFIA - **77**

1. INTRODUÇÃO

Giambattista Vico foi quem despertou o pensamento para o tipo de pesquisa que ora apresentamos. Ele foi um homem de fora de seu tempo, não aproveitado em seu tempo. Foi um homem do século XVIII, lido apropriadamente apenas no XIX e no XX – se tanto. Abriu o caminho para uma filosofia mais humana (ao contrário do mecanicismo de Descartes), para uma história mais diversificada (incluindo mitos, costumes, línguas, etc.) apoiada na filologia (etimologia) e para um nível da cultura favorável ao surgimento de diversas ciências humanas (sociologia, antropologia, psicologia, etc.).

Esse trabalho foi imaginado e fundamentado em Vico e em sua *Ciência Nova*. A primeira questão relevante foi porque Vico ainda era relativamente desconhecido em uma Faculdade de História brasileira do início do século XXI. Justamente ele que era considerado por Hannah Arendt como “*um dos pais da moderna consciência histórica*”.¹ A partir daí foi pesquisada uma série de quatorze autores nacionais e estrangeiros em busca de um panorama da obra de Vico. Em seguida nos detivemos no próprio autor através de sua *Autobiografia*, de quatro edições da *Ciência Nova* e em suas *Obras* (escritos do início do século XVIII – *Discursos Inaugurais, Nuestro Tempo, La antiqüíssima*, etc.).

Todavia foram os contatos com Benedetto Croce, Robin George Collingwood e especialmente Hayden White, que estabeleceram as diretrizes desse trabalho. Parecia necessário aprofundar a TEORIA TROPOLÓGICA em termos históricos. Vico valorizou os quatro tropos (*metáfora, metonímia, sinédoque e ironia*) como já haviam feito, pelo menos, os estoícos² na Antiguidade e Petrus Ramus³ na Renascença. White havia proposto em 1973 seu uso para interpretar o enredo de textos de historiadores e filósofos da história do século XIX⁴.

Em 1978 White analisou a estrutura do discurso no artigo “A tropologia, o discurso e os modos da consciência humana”.⁵ Ali ele interpretou as narrativas de Marx, Freud, Piaget e Thompson sob o critério dos tropos. No ensaio “Foucault Decodificado” da mesma obra⁶ correlacionou as quatro epistemes trabalhadas por Foucault em *As Palavras e as coisas* com os quatro tropos já citados, isto é, as quatro épocas com as quatro linguagens.

¹ Arendt, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo – Perspectiva, 2007, pg. 88.

² Neves, Maria Helena Sousa. A vertente grega da gramática tradicional – uma visão do pensamento grego sobre a linguagem. São Paulo – Editora UNESP, 2005, p. 101.

³ White, Hayden. *Meta-história*. São Paulo, Edusp – 2008, p. 46.

⁴ *Ibidem*.

⁵ White, Hayden. *Trópicos do Discurso*. São Paulo, Edusp – 2001, p. 13 e ss.

⁶ *Ibidem*, p. 275 e ss.

A partir dessas informações foi se formando a idéia de elaborar, a partir das quatro figuras de linguagem e de suas relações com as quatro idades do fluxo espiralar da história de Vico (deuses, heróis, homens e declínio), um quadro do desenvolvimento da mente humana (vida intra-uterina, trabalho de parto e parto – infância – sonhos – atividade perceptual) e uma história da mente humana (espiralar, pois contempla avanços e recuos), onde apareçam manifestações psíquicas (inconscientes e conscientes), religiosas, artísticas, literárias, científicas, históricas, filosóficas, políticas e econômicas, enfim, onde a relação dialética entre a mente e suas realizações possa ser depreendida.

2. BIOGRAFIA E OBRA DE GIAMBATISTA VICO

“O senhor Giambatista Vico nasceu em Nápoles no ano de 1670 de pais honrados, os quais deixaram uma boa reputação de si mesmos”. Dessa forma Vico, em 1725, começa sua autobiografia, na qual nos basearemos para a elaboração do texto a seguir.⁷ Seu pai era analfabeto e possuía uma pequena livraria e sua mãe era filha de um carroceiro. Vico foi o sexto filho dentre oito irmãos.

Em 1675 sofreu um acidente (queda de uma escada) do qual resultou uma fratura de crânio e um período de recuperação de três a quatro anos. Na época o médico afirmou que morreria ou ficaria “idiota”. Vico diz que tal acidente fez com que tivesse uma “natureza melancólica e áspera, a qual deve ser a dos homens engenhosos e profundos”. Após a convalescença retornou à escola de gramática⁸. Em 1679 ingressou no curso de humanidades; em 1680, em um colégio jesuíta, o qual abandonou em 1681, quando passou a estudar por conta própria. Em 1683 voltou ao colégio jesuíta para estudar filosofia. Em 1685 dedicou-se aos estudos de direito civil e canônico. Em 1686, com 18 anos, quando praticava advocacia, foi contratado pelo marquês Domenico Rocca de Catanzaro como preceptor de seus filhos. Desempenhará essa atividade na localidade de Vatolla até 1695. Nesse retiro leu Cícero, Virgílio, Horácio, Dante, Petrarca e Bocácio.

⁷ Giambatista Vico, *Autobiografia de Giambattista Vico*. Edição de Moisés G. García e Josep M. Bisbal, Madrid – España – Siglo Veinteuno de España Editores, 1998, p. 81. Essa frase inicial, no entanto, contém um erro: na verdade Vico nasceu em 23 de junho de 1668.

⁸ *Ibidem*, p. 56 e ss.

Em 1689 matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Nápoles. No ano de 1693 publicou uma canção (*Affeti di um disperato*) inspirada em Lucrecio (epicurista). Em 1694 estava licenciado em direito e voltou a morar em Nápoles.

Em 1699 assumiu a cátedra de retórica e, como professor, foi responsável pela oração inaugural do curso acadêmico, cujo título era *Que o próprio conhecimento de si serve a cada qual de máximo incentivo para completar, em breve, todo o campo de doutrinas*⁹. No fim desse ano casou-se com Teresa Caterina, com quem terá oito filhos. Em 1700 pronunciou a segunda oração inaugural: *Que ninguém é um inimigo mais hostil e devastador para com seu inimigo que o estúpido para si mesmo*¹⁰. Em 1701 o título foi *Que toda falsidade deve manter-se afastada da comunidade das letras, se desejamos estar decorados de uma erudição verdadeira e não simulada, sólida e não vã*¹¹. Nesse ano ocorreu em Nápoles uma revolta da nobreza que pretendia transformá-la de uma província espanhola em Estado autônomo vinculado à Áustria. Vico posicionou-se contra a conjuração. No ano seguinte começava a Guerra de Sucessão Espanhola. A quarta oração inaugural – *Se alguém quer ter o maior proveito dos estudos das letras, e estar sempre a par da dignidade, que se instrua para o Estado e o bem comum dos cidadãos*¹² - foi proferida em 1704, a quinta – *Que os Estados, quando mais floresceram nas letras, tanto mais célebres tem sido por suas glórias militares e mais potentes pelo poderio de seus domínios*¹³ - em 1705.

Como resultado da Guerra de Sucessão Espanhola Nápoles passa para as mãos dos austríacos entre 1707 e 1734.

Em 1707 Vico pronunciou sua sexta oração inaugural – *O conhecimento da natureza corrupta dos homens convida a completar o campo inteiro das artes liberais e das ciências, e expõe a reta, factível e perpétua ordem para sua aprendizagem*¹⁴.

⁹ Giambatista Vico, *Obras. Oraciones inaugurales (1699 – 1707), Del Método de Estudios de Nuestro Tiempo (1708), Sobre la revelación de la antiqüíssima sabiduría de los italianos (1710) e Sobre la mente heróica (1732)*. Coleção Autores, Textos y Temas - Humanismo. Presentación Emílio Hidalgo-Serna; introducción José M. Sevilla; edición, traducción del latín e notas Francisco J. Navarro Gómez, Barcelona – España – Anthopos Editorial – 2002, p. 3.

¹⁰ Ibidem, p. 14.

¹¹ Ibidem, p. 26.

¹² Ibidem, p. 38.

¹³ Ibidem, p. 49.

¹⁴ Ibidem, p. 60.

Em 18 de outubro de 1708 Vico apresentou perante a Real Academia do Reino de Nápoles uma dissertação que posteriormente foi transformada em livro: *O método de estudos de nosso tempo (De nostri temporis studiorum ratione)*¹⁵. Nessa obra Vico analisou os métodos de estudo comparando-os com os antigos e com a crítica contemporânea, especialmente cartesiana. Iniciou com o estudo das “vantagens de nosso método de estudos a partir dos instrumentos das ciências”: a Geometria para a Física, a Química para a Medicina, o microscópio, o telescópio, a bússola. Chamou a atenção para os “inconvenientes da nova crítica” a qual “para extrair sua verdade primeira não somente de todo o falso, mas inclusive da suspeita do falso, prescreve que se expulse da mente as verdades segundas e o verossímil como se fossem falsos”.¹⁶ Para Vico, a ciência vem da verdade, o erro da falsidade e o verossímil do sentido comum. Esse está entre a verdade e a falsidade, mas geralmente é verdadeiro e raramente é falso. A crítica de seu tempo, à medida que sufoca o sentido comum, também reprime a eloquência (a retórica). Vico disse que, pelo contrário, é necessário cultivar a memória e a fantasia, as mentes não deveriam ser embotadas para a pintura, a poética, a oratória, a jurisprudência, etc.

Em 1710 Vico publicou *Sobre a revelação da antiqüíssima sabedoria dos italianos (De Antiquissima Italarum sapentia)*¹⁷. Trata-se de um estudo da origem da língua latina, sob influência, entre outros, do *Crátilo* de Platão. No livro primeiro – metafísico - constam os seguintes capítulos: *Capítulo I = I – Sobre o verdadeiro e o feito, II – Da origem e a verdade das ciências, III – Da verdade primeira sobre a qual pensa René Descartes, IV – Contra os céticos; Capítulo II = Dos gêneros ou idéias; Capítulo III = Das Causas; Capítulo IV = I – Das essências ou potências, etc. Capítulo V = I – Do ânimo e da alma, II – Da alma dos brutos, Da sede do ânimo, IV – Do pensamento civil dos romanos; Capítulo VI = Da mente; Capítulo VII = I - Da faculdade; II – Do sentido, III – Da memória e da fantasia, IV – Do talento, V – Da faculdade confiável do saber; Capítulo VII = I – Do supremo criador, II – Da vontade divina, III – Do feito e o acontecimento, IV – A sorte.*

É na obra citada acima que Vico expõe pela primeira vez seu famoso dito sobre o verdadeiro e o feito. Assim escreveu: *Para os latinos “o verdadeiro” e “o feito” são*

¹⁵ Ibidem, p. 75.

¹⁶ Ibidem, p. 81.

¹⁷ Ibidem, p. 127.

recíprocos, ou segundo costumam dizer os escolásticos, são conversíveis. ¹⁸ E mais adiante: *O verdadeiro é o feito mesmo... e saber é compor os elementos das coisas*¹⁹. Entretanto o homem não tem em si os elementos de que as coisas da natureza são compostas, apenas aquilo que é criado por ele mesmo. Essa é a diferença entre a Física (externa ao homem) e a Matemática (geometria) e a história (internas ao homem). *O critério do verdadeiro é havê-lo feito* ²⁰.

Entre 1713 e 1716 Vico dedicou-se a escrever a biografia de Antonio Carafa. Em 1720 publicou o primeiro tomo de sua obra *Diritto Universale*. Em 1723 fracassou no concurso à cátedra de Direito Civil da Faculdade de Direito da Universidade de Nápoles. Em 1724 terminou a redação das *Scienza Nuova in forma negativa*. ²¹

Uma vez que não obteve financiamento para essa obra, faz em 1725 uma versão mais curta: *Principi di una Scienza Nuova d'intorno Allá natura delle nazioni* (primeira edição da Ciência Nova) ²².

Em 1727 completou sua Autobiografia. Através dela é possível perceber a admiração de Vico, inicialmente por Platão e Tácito e posteriormente por Francis Bacon e Hugo Grócio. Sobre os primeiros disse que “com uma mente metafísica incomparável Tácito contempla o homem como é e Platão como deveria ser”. ²³ Sobre Bacon disse que era um homem de sabedoria “tanto vulgar como reflexiva... um homem universal em teoria e prática”. ²⁴ No processo de elaboração de sua *Autobiografia* Vico viu-se obrigado a ler *De iure belli et pacis* de Grócio. Esse “abarca num sistema de direito universal toda a filosofia e a filologia, incluídas as duas partes dessa última, tanto a história das coisas, seja fabulosa ou certa, como a história das três línguas: a hebréia, a grega e a latina, que são as três línguas doutas da antiguidade que chegaram até nós pela mão da religião cristã”. ²⁵

¹⁸ Ibidem, p. 133.

¹⁹ Ibidem, p. 134. Na referência 24 da p. 266 consta que a ciência havia nascido no século XVII e a arte reivindicou a manipulação da Física experimental. No dizer de P. M. Schuhl a expressão “conhecer é contemplar” foi substituída pela moderna expressão “conhecer é fabricar”.

²⁰ Ibidem, p. 135.

²¹ *Autobiografia*, p. 61 e ss.

²² Vico, Giambatista. *Principios de una Ciencia Nueva em torno a La naturaliza común de las naciones*, 1ª edição - 1725, Trad. José Carner, México - Fundo de Cultura Econômica, 2006.

²³ *Autobiografia*, p. 114

²⁴ Ibidem, p. 115.

²⁵ Ibidem, p. 135.

Devido a problemas com seu impressor (de Veneza) em 1730 Vico reescreveu a *Scienza Nuova* de 1725 reduzindo-a pela metade (segunda edição)²⁶. Em 1732 reiniciou a tradição das inaugurações dos anos letivos com orações solenes. Pronunciou o discurso inaugural *Da mente Heróica* – sobre uma heróica paixão pelas letras, a propósito de uma sabedoria integral.²⁷

Em 1734 dedicou um soneto ao novo rei Carlos de Bourbon da Espanha (os espanhóis haviam reconquistado o Reino de Nápoles). No ano seguinte Carlos nomeou Vico historiador real. No segundo semestre de 1743 passou a ser impressa a terceira edição da *Scienza Nuova*²⁸.

Vico morreu na noite do dia 22 de janeiro de 1744. A terceira edição foi publicada no fim do mês de julho²⁹.

A terceira e última edição de *Scienza Nuova*, traduzida para a língua portuguesa por Marco Lucchesi³⁰, está dividida em quatro livros: o LIVRO PRIMEIRO – do estabelecimento dos princípios – apresenta uma “tábua cronológica” onde há informações sobre os egípcios, hebreus, caldeus, citas, fenícios, gregos, cartagineses, troianos e romanos. São citados Zoroastro, Japeto, Nebrod, Prometeu, Deucalião, Mercúrio Trimegisto, Heleno, Teseu, Cadmo, Saturno, Dânao, Dido, Orfeu, Hércules, Homero, Psamético, Esopo, Sólon, Tales de Mileto, Pitágoras, Sêrvio Túlio, Hesíodo, Heródoto, Hipócrates, Idantura, Tucídides, Sócrates, Xenofonte e Lívio. O livro primeiro ainda é composto pelos capítulos Dos elementos, Dos princípios e Do método. O LIVRO SEGUNDO – da sabedoria poética é dividido em metafísica poética, lógica poética, moral poética, economia poética, política poética, resumos da história poética, física poética, cosmografia poética, astronomia poética, cronologia poética e geografia poética. O LIVRO TERCEIRO é denominado Da descoberta do verdadeiro Homero. O LIVRO QUARTO – do curso que fazem as nações, é classificado em três espécies de natureza, costumes, direitos naturais, governos, línguas, caracteres, jurisprudências,

²⁶ Ibidem, p. 64.

²⁷ Obras, p. 197

²⁸ Vico, Giambatista, *A Ciência Nova*. 3ª edição 1744, Trad. Marco Lucchesi, Rio de Janeiro – Record, 1999.

_____, *A Ciência Nova*. 3ª edição 1744, Trad. Vilma de Katinszky, São Paulo – Editora Hucitec, 2010.

_____, *Princípios de (uma) Ciência nova (acerca da natureza comum das nações)*. Coleção *Os Pensadores*. 3ª edição 1744. Seleção e Tradução Antônio Lázaro de Almeida Prado, São Paulo – Novacultural, 2005.

²⁹ *Autobiografia*, p. 66.

³⁰ *A Ciência Nova*. Trad. Marco Lucchesi.

autoridade, razões, julgamentos, tempos. Finalmente, o LIVRO QUINTO – do retorno das coisas humanas ao renascer das nações e a CONCLUSÃO DA OBRA.³¹

Diante de uma obra extremamente complexa e interessante, os aspectos considerados mais relevantes para os propósitos do presente trabalho foram escolhidos e serão apresentados a seguir de modo sintético: o capítulo II do LIVRO PRIMEIRO - *Dos elementos*, que correspondem a aforismas ou “dignidades”, o capítulo II do LIVRO SEGUNDO – *Da lógica poética*, no qual Vico aborda a questão dos tropos (figuras de linguagem) e os onze primeiros capítulos do LIVRO QUARTO, onde classifica diversos aspectos das nações sob três categorias (espécies).

3. CIÊNCIA NOVA

3.1. ALGUNS AFORISMAS³²

I – Quando a mente humana é ignorante, o homem faz de si a regra do universo.³³

II – Quando o homem não faz idéia das coisas remotas e desconhecidas, as estima pelas coisas presentes e conhecidas.³⁴

VIII – As coisas não se constituem nem permanecem fora de seu ambiente natural.

IX – Os homens que não sabem a verdade das coisas devem ater-se ao certo, pois não tendo conhecimento científico, pelo menos devem ter uma vontade consciente.³⁵

X – A filosofia considera a razão – ciência do verdadeiro; a filologia observa a autoridade do arbítrio humano, donde se origina a consciência do certo.

XI – O arbítrio humano é determinado pelo senso comum, pelo que é necessário e útil.

XII – O senso comum é um juízo sem qualquer reflexão, sentido por todo um povo ou por toda a humanidade.³⁶

XIII – Idéias uniformes originadas da totalidade dos povos, não conhecidos entre si, devem ser verdadeiras.³⁷

³¹ *A Ciência Nova*. Trad. Marco Lucchesi, p. 5 e ss.

³² *Ibidem*, p. 91 a 130. Seleccionados e apresentados de forma resumida.

³³ Trata-se do princípio da metáfora ou, mais precisamente catacrese. Ver adiante o item TROPOLOGIA.

³⁴ Esse axioma permite avaliar as idéias de Vico sobre a epistemologia da história. O presente é condição para o entendimento do passado.

³⁵ É estabelecida a relação entre a filosofia, a ciência, a universalidade e a verdade com a filologia, a história, a particularidade e o certo.

³⁶ Segundo Lucchesi “o senso comum não deixa de ser outro dos relevantes aspectos de um Vico *desleitor* de Descartes” (grifo do autor)

³⁷ Antecipação de conceitos antropológicos de Lévi-Strauss sobre o pensamento mítico do homem primitivo.

XIV – A natureza das coisas nada mais é do que seu nascimento em determinados tempos e conforme certos modos de ser.³⁸

XVII – A linguagem vulgar deve ser o testemunho indiscutível dos antigos costumes dos povos.³⁹

XXII – É necessário que exista na natureza das coisas humanas uma língua mental comum a todas as nações, como nos provérbios, que são máximas de sabedoria vulgar.

XXIV – A religião hebraica foi fundada pelo verdadeiro Deus.

XXX – O mundo dos povos começou das religiões.

XXXII – Os homens ignorantes dão às coisas sua própria natureza, por exemplo, ao afirmar que *o ímã está enamorado do ferro*.⁴⁰ (grifo meu).

XXXIII – A física dos ignorantes é uma metafísica vulgar.

XXXV – O assombro é filho da ignorância.

XXXVII – A mais sublime função da poesia é dar sentido e paixão às coisas inanimadas.

XLIII – Toda nação gentílica teve um Júpiter e um Hércules (filho de Júpiter). Isso é o princípio do heroísmo dos primeiros povos. As primeiras fábulas continham verdades e, por isso, foram as histórias dos primeiros povos.⁴¹

XLVI – Todas as histórias bárbaras guardam fabulosos princípios.

XLVII – A mente humana é levada a deleitar-se com o uniforme.⁴²

XLVIII – É da natureza das crianças nomear da mesma maneira as idéias, coisas e pessoas que apresentem alguma semelhança ou relação.⁴³

L – As crianças têm excelente memória e, portanto, muita fantasia.⁴⁴

LIII – Os homens primeiro sentem sem se aperceber, depois se apercebem com espírito perturbado e comovido, e, finalmente, refletem com mente pura.⁴⁵

LIX – Os homens desabafam as grandes paixões cantando.

LX – As línguas devem ter começado pelas vozes monossilábicas.

LXI – O verso heróico é o mais antigo de todos.

³⁸ Manifestação historicista, a qual seria difundida apenas no século XIX.

³⁹ Valorização da linguagem e da cultura.

⁴⁰ Mais uma menção às figuras de linguagem (tropos).

⁴¹ Relação entre fábulas e mitos com a história.

⁴² Princípio posteriormente utilizado na psicologia *Gestalt*, na qual a percepção humana é configurada como um todo coerente. Ver mais adiante o item PRINCÍPIOS DA *GESTALT* DA ORGANIZAÇÃO PERCEPTUAL.

⁴³ Nova observação sobre tropos.

⁴⁴ Importante relação elaborada por Vico entre a memória, que pode ser interpretada no sentido de história, e a fantasia, que pode ser entendida em termos de uma imaginação criativa, indispensável para a compreensão e narrativa históricas.

⁴⁵ Síntese da divisão em três idades examinada posteriormente no LIVRO QUARTO.

LXIV – A ordem das idéias deve proceder segundo a ordem das coisas.⁴⁶

LXV – A ordem das coisas humanas assim ocorreu: primeiro as selvas, depois as cabanas, em seguida as aldeias, logo as cidades e, finalmente, as academias.

LXVI – Os primeiros homens sentem o necessário, depois o útil, em seguida o cômodo, mais adiante deleitam-se com o prazer, em seguida dissipam-se no luxo, e finalmente, deliram a dissipar as substâncias.

LXVII – A natureza dos povos primeiramente é cruel, depois severa, logo benigna, mais tarde delicada, e finalmente dissoluta.⁴⁷

LXIX – Os governos devem ser conformes à natureza dos homens governados.

LXXVII – Os pais das famílias (patriarcas) foram os primeiros a exercer as monarquias, tanto em relação às pessoas (seus filhos e clientes, que se refugiaram em suas terras) como em relação a seus bens.

LXXXVIII – As repúblicas aristocráticas conservam as riquezas dentro das ordens dos nobres.

XCII – Nas repúblicas aristocráticas os fracos querem as leis, os poderosos recusam-nas; os ambiciosos, para serem seguidos, promovem-nas, os príncipes, para igualar os poderosos com os fracos, protegem-nas.

XCIV – Os homens desejam sair da sujeição e desejam igualdade: eis as plebes nas repúblicas aristocráticas, as quais, finalmente, se transformam em repúblicas populares. Depois procuram superar os iguais, o que resulta em repúblicas de poderosos. Finalmente, diante das anarquias e tiranias, as plebes querem submeter-se à lei e buscam salvação nas monarquias (segundo Tácito, a lei régia que legitima o império romano de Augusto).

⁴⁶ Segundo Rossi, citado por Lucchesi (ref. 103 – p. 112), “para Vico a ordem das coisas neste contexto é a história. Passamos da metafísica para a história”. Evidencia-se uma tendência realista no pensamento de Vico.

⁴⁷ Vico usa as modificações da mente humana para entender a história. No axioma LIII menciona as categorias da mente do *sujeito individual* (*sentimento, percepção e reflexão*). No axioma LXVII, a qualidade da mente dos povos ou *sujeito coletivo* (*crueldade, severidade, benignidade, delicadeza e depravação*). No axioma LXVI focaliza as características que tornam os *objetos* atraentes para o homem (*necessidade, utilidade, prazer, luxo e dissipação*). Já na primeira edição da *Ciência Nova* de 1725 (ref. 16 – p. 112) Vico estabeleceu que a situação dos homens variava de *selvagens e solitários* na Idade dos Deuses, para *unidos em fiel amizade com poucos* na Idade dos Heróis, para *unidos com muitos* na Idade dos Homens, para, finalmente, *unidos com muitos numa multidão, porém novamente solitários* na Idade do Declínio. Ver adiante CURSO DAS NAÇÕES e HISTÓRIA DA MENTE HUMANA.

3.2. LÓGICA POÉTICA ⁴⁸

É sob esse título que Vico vai abordar as figuras de linguagem (*metáfora, metonímia, sinédoque e ironia*) na terceira edição da *Ciência Nova*⁴⁹. Entretanto em sua primeira edição Vico já afirmara que “os homens ignorantes das coisas... se sentem naturalmente induzidos a concebê-las mediante semelhanças com coisas conhecidas”.⁵⁰ Assim procedendo esses homens davam “movimento, sentido e razão” às coisas inanimadas. Do mesmo modo que suas paixões eram exteriorizadas por gritos e grunhidos, o céu manifestava sua raiva através do raio. O medo levou a adoração, o raio tornou-se Júpiter.

No início, e por diversas vezes ao longo da história, o homem vai se valer predominantemente da metáfora, que, segundo Vico é uma “pequena fábula”⁵¹, para entender o mundo e entender a si mesmo. A *metáfora* era um instrumento através do qual as coisas inanimadas eram assemelhadas às partes do corpo e da mente humanas. Assim, usava-se *cabeça para ponta ou princípio... boca para todo tipo de abertura... e também dente de arado, língua de mar, braço de rio, entranhas da terra, sopro do vento, murmúrio do mar, etc.*

Em seguida Vico refere-se à *metonímia* (eram designados os autores em vez de suas obras; os homens não sabiam abstrair as formas e as qualidades das matérias que lhes davam origem, usando essas no lugar daquelas). A *sinédoque* é descrita pela passagem dos particulares em universais e das partes para o todo. Um exemplo é a *cabeça no lugar de homem*, porque de acordo com Vico no meio dos bosques apenas a cabeça era vista de longe. Observe-se que no caso da sinédoque, a *cabeça* corresponde a parte essencial que simboliza o todo *homem*.

O tropo da *ironia* corresponde aos tempos de reflexão, ou seja, é historicamente posterior aos anteriores, “É formada pelo falso, em virtude de uma reflexão que veste a máscara da verdade”. Por outro lado, as primeiras fábulas (metafóricas) foram criadas por pessoas que não tinham a capacidade de fingir o falso. Portanto deveriam ser necessariamente “narrações verdadeiras”.

⁴⁸ Ver adiante TROPOLOGIA.

⁴⁹ *A Ciência Nova*. Trad. Marco Lucchesi, p. 167.

⁵⁰ Vico, Giambatista. *Princípios de uma Ciência Nueva em torno a La naturaliza común de las naciones*, 1ª edição - 1725, Trad. José Carner, p. 181.

⁵¹ *A Ciência Nova*. Trad. Marco Lucchesi, p. 169 e ss.

Vico conclui que devem ser corrigidos os *grandes erros* dos gramáticos de que “o falar dos prosadores é próprio, sendo impróprio o dos poetas; e que primeiro veio o falar da prosa e, depois, do verso”. Para ele a poesia antecedeu a prosa.

3.3. CURSO DAS NAÇÕES ⁵²

Vico apresenta o “curso que fazem as nações, com constante uniformidade procedendo em todos os seus tantos, vários e tão diversos costumes sobre a divisão das três idades, que diziam os egípcios ter decorrido antes deles, no mundo, dos *deuses, dos heróis e dos homens*” (grifo meu). O curso das nações, isto é, o curso da história de Vico está resumido no quadro 1, baseado em Hayden White ⁵³.

Quadro 1 – AS IDADES DA HISTÓRIA

IDADES (Hesíodo ⁵⁴)	OURO	PRATA, BRONZE (heróis)	FERRO
TEMPOS (Varrão ⁵⁵)	OBSCUROS	FABULOSOS	HISTÓRICOS
IDADES (Vico)	DEUSES	HERÓIS	HOMENS
ESTÁGIOS (H. White)	RELIGIOSO	HERÓICO	HUMANO
subfase	nascimento e crescimento	maturidade	declínio e dissolução
natureza humana	poética	heróica	humana
costumes	religião piedade	coléricos obstinados	civis
Instituições ⁵⁶		casamento honra	sepultamento direito
direitos naturais	divinos (todos eram deuses)	heróicos (força)	humano (razão)
lei	divina	contratual	forense
jurisprudência	teologia mística	provas e artigos	razão das leis
juízos	dos pais das famílias (guerras “justas”, duelos)	ordinários (fórmulas)	humanos (verdade dos fatos)
autoridade	divina	oculta nas fórmulas das leis	peças experimentadas
governo	teocrático (oráculos)	aristocrático	humano (leis)
sociedade	teocrática	aristocrática	democrática
razão	divina	de Estado	natural (popular)
língua	divina mental (atos mudos, cerimônias)	heráldica (disciplina militar)	articulada
escrita	hieroglífica	imaginativa (poemas épicos)	vulgar
TRANSIÇÃO	<i>metáfora à metonímia</i>	<i>metonímia à sinédoque</i>	<i>sinédoque à ironia</i>

⁵² Ibidem, p. 393.

⁵³ White, Hayden. *Trópicos do Discurso*. São Paulo, Edusp – 2001, p. 231.

⁵⁴ Poeta grego.

⁵⁵ Historiador romano.

⁵⁶ Critérios modificados por Alan Sica. In: Croce, Benedetto. *The Philosophy of Giambattista Vico - 1913*. Trad. R.G. Collingwood, New Jersey, USA - Library of Congress, 2002, p. xxii.

4. OPINIÕES SOBRE VICO

Transcrevem-se ou parafraseiam-se abaixo diversas opiniões acerca da figura humana e da obra histórico-filosófica de Giambattista Vico. Passagens consideradas de grande importância para os objetivos dessa pesquisa estão grifadas.

1. *Não obstante o homem pareça incapaz de reconhecer o mundo, dado que ele não o fez, deve, contudo ser capaz de conhecer ao menos aquilo que ele mesmo fez. Foi com uma atitude pragmática e uma razão articulada que Vico voltou sua atenção para a História e se tornou **um dos pais da moderna consciência histórica**, nas palavras da filósofa Hannah Arendt. Disse Vico: “Podemos demonstrar assuntos matemáticos porque nós mesmos os fazemos; para provar os assuntos físicos, teríamos que fazê-los”. Voltou-se para a História porque pensava que ainda era impossível fazer natureza. Não foi levado por nenhuma consideração humanista a abandonar a natureza, mas pela crença de que a História é feita por homens exatamente como a natureza é feita por Deus. Assim, a verdade histórica pode ser conhecida por homens, os autores da História, porém a verdade física é reservada ao Fazedor do universo.*

*A ciência moderna nasceu quando se passou da busca do “que” para a investigação do “como”. Conhece-se aquilo que se fez, isto é, aquilo que se sabe como veio a existir. **O interesse nas coisas foi deslocado para o interesse nos processos**. Vico perdeu o interesse na natureza, porque pressupôs que para penetrar nos mistérios da criação seria necessário compreender o processo criativo. Antes se admitia ser possível compreender o universo sem saber como Deus o criara – segundo os gregos, como as coisas vieram a existir.*

A partir do século XVII a preocupação da investigação científica (tanto natural como histórica) passou a ser os processos, mas apenas a tecnologia moderna substituindo as atividades humanas por processos mecânicos e criando novos processos naturais teria sido adequada ao ideal de conhecimento de Vico.

*Vico, que é considerado por muitos como o **pai da História Moderna** dificilmente teria se voltado para a História nas condições modernas. Ele teria se voltado para a tecnologia. **Nossa tecnologia fez aquilo que Vico pensava que a ação divina fizera no reino da natureza e a ação humana, no reino da História.***⁵⁷

2) *Vico, na Universidade de Nápoles, era **um dos mais eminentes espíritos da Era Moderna**, segundo o historiador Jacques Barzun. Em 1720 ocupava uma função mal*

⁵⁷ Arendt, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo – Perspectiva, 2007, pg. 88 e 89.

remunerada e de importância secundária. Foi autor de uma obra seminal, fecunda, mas cujas sementes não produziram uma colheita visível. Atualmente, com exceção dos estudiosos de história da história e das ciências sociais, **tanto o nome do homem quanto de seu livro permanecem desconhecidos**. Vico deve ser chamado de um **escritor profético**, disse o que outros gênios seus pares vieram a dizer mais tarde. Sua obra-prima é um livro fechado. Vico cresceu na pobreza e, através de um grande esforço auto-didático, ingressou no círculo erudito que debatiam idéias de Gassendi, Bayle, Hobbes, Spinoza e John Locke. Vico opunha-se a Descartes. Do mesmo modo que Pascal, Vico fez a **crítica da razão: o homem não é todo racionalidade**. Pretendia redefinir a história do homem e fazer uma nova filosofia com uma visão unificada do homem e do mundo.

Vico viu a humanidade (nações, civilizações, culturas) passando por **estágios progressivos** desde a bestialidade até a mais alta civilização e depois mergulhando novamente no barbarismo, o que sugeria evolução e, portanto, heresia. Iniciou a tradição de dividir a história não por anos, mas por **níveis de cultura que ascendem, estabilizam e caem**, ou possivelmente ascendem e descendem.

Disse que a vida em grandes cidades produz homens descrentes, que vêem o dinheiro como medida de todas as coisas, que carecem de qualidades morais. Pretendia advertir seus contemporâneos. Baseava suas idéias da ação humana e da decadência em Tácito e em Maquiavel.

Na Ciência Nova estudou o **caráter do Estado, os métodos da Antropologia e da Etnologia**, a origem e o papel da desigualdade social e os limites da Providência na formação da História humana. Afirmou que o homem faz a sua própria História.

Seu forte senso de História fez com que fosse **reconhecido apenas no historicista século XIX**. Primeiro por estudiosos italianos do direito público, depois por Goethe, Michelet e Comte. Presumivelmente Hegel e Marx o leram com proveito; suas obras o sugerem, embora não suas palavras. Posteriormente os antropólogos passaram a considerá-lo um dos seus⁵⁸.

3) Isaiah Berlin estudou paralelamente o trabalho de dois pensadores (Vico e Herder) cujas idéias desempenharam um papel preponderante na transformação dos critérios de seleção e interpretação dos fatos históricos, afetando assim a visão dos próprios acontecimentos. Seus escritos são do século XVIII, mas suas doutrinas completaram-se

⁵⁸ Barzun, Jacques. *Da Alvorada à Decadência*. Rio de Janeiro - Editora Campus, 2002, pg. 347.

apenas no século XIX, através de seus discípulos. As noções (teses) de Vico que desafiam o tempo são sete:

1. **A natureza do homem não é estática nem inalterável.** Os próprios esforços dos homens para compreender o mundo transformam a eles e ao mundo.
2. **Aqueles que criam alguma coisa podem entendê-la,** ao contrário dos simples observadores. Se os homens constroem sua própria história eles podem compreendê-la, enquanto não podem compreender a natureza, que pode ser apenas observada e interpretada. Somente Deus pode entender completamente a natureza.
3. **O conhecimento do mundo exterior é diferente daquele do mundo que os próprios homens criam,** como, por exemplo, o conhecimento da matemática, ou o da linguagem, ou de todas as atividades humanas, onde são **criadores, atores e observadores ao mesmo tempo.** Como a história preocupa-se com a ação humana ela pode ser conhecida por essa forma superior (interna). Há uma nítida divisão entre as ciências naturais (observação) e as **humanidades (autocompreensão).**
4. **Há um modelo universal que caracteriza todas as atividades de qualquer sociedade.** Um estilo comum manifestado no pensamento, nas artes, nas instituições sociais, na linguagem, nas formas de vida e ação da sociedade. Corresponde ao conceito de cultura. O verdadeiro conhecimento de história pressupõe o **reconhecimento da sucessão das fases da cultura.** Tal sucessão deve ser inteligível e não meramente causal (causa e efeito mecânicos). É o resultado da atividade humana, baseada em necessidades, desejos e ambições, e dirigida a um objetivo. A vida passada deve ser interpretada, deve haver um entendimento e ordenamento histórico, uma capacidade de discriminar sobre o que pertence e o que não pertence a um determinado modo de vida (civilização). Isso depende de se poder compreender imaginativamente os pontos de vista, as crenças, etc. A noção do caráter individual das sociedades, épocas e culturas emergem de fatores comuns, mas com modelos específicos.
5. **As criações humanas** – leis, instituições, religiões, rituais, obras de arte, linguagem, canções, normas de conduta, etc. - não são criados para agradar, nem armas de manipulação, nem para estabilizar a sociedade, mas **formas naturais de auto-expressão – comunicação.** **As fábulas, os mitos, as cerimônias, os monumentos não eram fantasias absurdas ou invenções deliberadas para iludir as massas.** Eram formas de transmitir uma **visão coerente do mundo.** Para compreender aqueles homens é preciso **penetrar em suas mentes,** entender seus métodos de expressão

(mitos, rituais, cantos, danças, linguagens, religião, casamentos, ritos funerários, etc.).

6. Há um **novo tipo de estética**. As obras de arte não devem ser interpretadas em termos de princípios eternos, mas através de seu propósito, do uso particular de símbolos, de seu tempo e lugar, de seu desenvolvimento social. É o início da **história cultural comparativa**, posteriormente constituída pela **sociologia e antropologia comparativas**, a lei comparada, a lingüística, a etnologia, a religião, a literatura e a história da arte, das idéias, das instituições e das civilizações – das **ciências sociais**.
7. Surge **outra categoria do conhecimento**. Além do **dedutivo** e do **indutivo** aparece a **imaginação construtiva**. Deve-se entrar na vida mental de outras culturas – através da fantasia ou da imaginação. A fantasia é uma forma de conceber o processo de mudança e desenvolvimento social. As **estruturas simbólicas** fazem parte da realidade e sua descoberta determina a visão da realidade daquela sociedade. É uma dedução transcendental da verdade histórica. É um método para chegar a uma realidade em mudança contínua – a história dos homens.⁵⁹

4) Remo Bodei – historiador – diz que se deve a Vico a descoberta de que **a lógica interna dos acontecimentos não é devida somente à razão**. Nas primitivas relações dos homens entre si e com a natureza não existem casamentos e os mortos permanecem insepultos. Depois surgem **casamentos, tribunais e altares**. Nasce a **família monogâmica e a religião**. Mas tal ordem não surge por via racional. As **invenções imaginativas** são destinadas a atingir a fantasia, apelando para o medo e para a esperança – para o raio aniquilador de Júpiter. As **instituições humanas** nascem de uma ordem fictícia que produz **crenças**. Se a história tem um sentido não é porque ela deriva de uma lógica racional interna aos acontecimentos, mas porque a ele vem imposta a ordem da imaginação, depois progressivamente estabilizada e “racionalizada” mediante outros mitos, ritos, fórmulas jurídicas e obrigações morais. Não há progresso retilíneo. **Quando uma civilização atinge uma “mentalidade desenvolvida” se dissolve e regride à barbárie.**

Depois de Vico as filosofias da história tentam encontrar outros pontos de sentido entre os acontecimentos: discutem categorias temporais e estabelecem relações entre as histórias dos povos particulares e a da humanidade.

⁵⁹ Berlin, Isaiah. *Vico e Herder*. Brasília – Editora UNB, 1982. pg. 5 a 10.

A *Ciência Nova de Vico* é a da história humana, que é possível com o princípio da **identidade do verdadeiro com o fato**. Tal princípio está na mente humana, na qual se desenvolvem primeiro os sentidos, depois a fantasia e posteriormente a razão. **Projeta esse princípio da psicologia individual para a história, definindo três idades repetidas ciclicamente: dos deuses, dos heróis e dos homens** ⁶⁰.

5) O historiador Peter Burke afirma que a idéia de que o conhecimento é influenciado por seu meio social não é nova. Bacon, Vico e Montesquieu já a afirmavam no início da Idade Moderna. Nesse sentido, Vico referia-se à “arrogância das nações” (etnocentrismo).

Vico escreveu sua história comparada na Nápoles do final do século XVII, local de grandes atividades intelectuais e acesso a novos livros em latim. Com o passar do tempo ele e Nápoles foram ficando cada vez mais isolados. O francês e o inglês se tornavam línguas indispensáveis para os letrados.

Burke investiga em seu livro o mito de Vico; seu desenvolvimento intelectual; a *Ciência Nova* em seus aspectos do direito, linguagem e mito, o curso da história e a divina providência e, finalmente, a relação de Vico com a posteridade.

Vico é um pensador paradoxal, obscuro e isolado. **Tem hoje, polemicamente, a fama de precursor. Suas idéias anti-cartesianas, que antecediam o romantismo, foram exageradamente valorizadas no século XIX.** A partir de então surgiram concepções semelhantes às de Vico: a filosofia pragmática, a **filosofia da linguagem**, a **psicologia da Gestalt**, a **psicologia social**, a fenomenologia da cultura e as **antropologias filosófica, cultural e estrutural**.

A importância de Vico foi destacada por Michelet, Marx e Colingwood. Sua obra repercutiu sobre James Joyce no livro *Finnegans Wake*. Antecedeu Herder em sua preocupação com **o mito e com a poesia épica**. Revalorizou os estudos históricos através do princípio do *verum ipsum factum* (só o feito é verdadeiro). A história estava no centro das preocupações de Vico ⁶¹.

6) Vico já refutava conceitos universais como os da providência divina ou de uma razão universal. Considerava a história um **processo** imanente aos homens. O homem era **sujeito e agente** de sua história dentro dos limites do tempo e da diversidade. O livro foi

⁶⁰ Bodei, Remo. *A História tem um sentido?* São Paulo, Edusp – 2001, pg. 26 a 28.

⁶¹ Burke, Peter. *Vico*. São Paulo – Editora da UNESP, 1997.

propositalmente ambíguo para fugir à Inquisição. Vico foi crítico da ilustração, afirma a historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias.

Após a Primeira Guerra Mundial Weber e Simmel difundiram o **relativismo**, a idéia de devir histórico e de que o **progresso não era uma retal linear, mas que poderia ser circular ou espiralar**. A ideologia toma forma de valores tidos como universais. A crítica das ideologias consiste no exercício iconoclasta de trabalhar a **historicidade dos conceitos** e as mediações sociais dos discursos. A interpretação depende da temporalidade, de como se configuram as representações através do tempo. Vico já criticava a história como um conhecimento baseado na razão.⁶²

7) Conforme Astor Diehl a obra *Ciência Nova é uma pedreira*. Pergunta: o que a Ciência Nova teria a dizer-nos na discussão da história da cultura de hoje? A resposta está no sentido explicativo da história, baseada no **estudo do direito e na filologia dos textos literários da Antiguidade**. Com Vico não temos mais as concepções simples dos cronistas e viajantes; há uma síntese que favorece o **progresso circunscrito em ciclos (helicoidal)**.

Vico aceitou a multiplicidade dos diferentes nos primeiros estágios. Foi o modo de unir em apenas um sistema os princípios da ciência, do método e das histórias das nações e simultaneamente considerar que Deus manifestou-se somente para os hebreus. **A base estava no jurídico e no mitológico**.

A época de Vico caracterizava-se pela fragmentação do mundo medieval através do Renascimento, da Reforma, das mudanças sociais, da formação dos Estados nacionais, das guerras na Europa, da integração dos continentes, da modernização urbana e da possibilidade de construir um novo mundo melhor que o do passado. Vico acomodava tudo isso em uma **história geral da cultura**. **Ciência Nova representa a síntese entre o tempo que está morrendo e a época nascente, uma luta entre o espaço das experiências e o horizonte das expectativas**, a qual ficará madura apenas no século XIX com os grandes sistemas teórico-explicativos.

Havia uma perda de energia relacionada à modernidade tardia. Procurava-se a memória dos grandes feitos do passado. **O mitológico era central na narrativa de Vico** como forma de alimentar as memórias. A própria **narrativa histórica** assumia a função de costurar um **novo todo**.

⁶² Dias, Maria Odila Leite. In: Moraes, J. G. V. e Rego, J. M. (entrevistas por). *Conversas com Historiadores Brasileiros*. São Paulo, Editora 34, 2002, pg. 200.

Na época de Vico os movimentos culturais ainda precisavam de uma vontade externa – ainda não se estava na plenitude da razão. Era necessário um plano divino para orientá-los. A **função narrativa** não consiste apenas em restaurar um idêntico esquecido, mas em buscar o diferente. **Em Vico história e literatura aproximam-se. Há uma crescente valorização da narrativa como sustentação do texto histórico.**

O discurso histórico contemporâneo encaminha-se para uma ruptura com a história científica. Há novas relações entre a sociedade e a história:

1. a desintegração das promessas de civilização leva a busca de uma dinâmica multitemporal;
2. busca da transitoriedade, do efêmero;
3. negação da modernidade e do otimismo, característicos do progresso e da linearidade do tempo;
4. negação da tradição historiográfica e seu ideal universal.

Toda modernização gera saturação cultural. **O passado aparece no presente sob forma de fragmentos. O presente sempre é mais pleno que o passado. Há duas reações:**

1. fuga em direção ao passado;
2. o excesso de elementos do passado no presente torna-se uma fonte inesgotável de criação.

Na obra de Vico encontramos o cruzamento dessas duas reações. Procura romper com a estrutura hermética do Renascimento e através da linguagem possibilita espaços para a diversidade (costumes, visões de mundo, etc.)⁶³.

8) Para o historiador marxista Josep Fontana, Vico representava uma reação contra as correntes do racionalismo cartesiano que se difundiam em princípios do século XVIII. Sua obra foi ignorada e menosprezada por seus contemporâneos. Vico foi descoberto pelos românticos e influenciou personagens tão diversos como Michelet, Comte e Marx. Os princípios do mundo dos homens podem e devem ser encontrados nas **modificações da própria mente humana**⁶⁴.

9) Vico tinha a intenção de afirmar que a natureza civil era a verdadeira condição humana e confirmar que existe direito no estado de natureza, diz Humberto Guido. Vico

⁶³ Diehl, Astor Antônio. “Vico e a História Cultural: uma tentativa de atualização”. In: Lopes, Marcos Antônio (org.) *Grandes Nomes da Cultura Intelectual*. São Paulo - Editora Contexto, 2003, pg. 295 e ss.

⁶⁴ Fontana, Josep. *A História dos Homens*. Bauru, SP – Edusc, 2004, pg. 117.

identificou três fatos elementares que explicavam o nascimento da sociedade: **a religião, o matrimônio e o sepultamento dos mortos.**

Em que pese combatesse as idéias cartesianas, elaborou seu projeto baseado na filosofia racionalista. Suas divergências tinham relação com a delimitação do terreno científico. **Vico acreditava ser possível o estudo científico do mundo social.** Afirmava que a ciência (Matemática) representava apenas uma imagem da natureza e que houve no passado diversas representações diferentes da natureza. Pretendia resgatar tais representações da natureza anteriores à ciência. Visava encontrar nessas **alegorias poéticas** a base sólida para descobrir o nascimento da sociedade civil e a verdadeira natureza humana.

O mundo ocidental constituiu-se sob o dualismo homem-natureza (Prometeu contra Zeus; Adão podia nomear as coisas). Vico lembrou que o antropocentrismo e o heliocentrismo da nova física vieram ocupar o lugar do geocentrismo das físicas poéticas.

Descartes, influenciado pelo Cristianismo, secularizou a natureza e divinizou o homem. O Renascimento havia secularizado a vida: a religião antropomórfica havia sido substituída pela ciência antropocêntrica.

Vico rememorou o homem criativo, artesão da palavra, à medida que resgatou o significado do mito nas idades primitivas. A palavra modelou e humanizou a natureza. Isso agora desaparecia, na época em que o homem declarava sua independência em relação a Deus e sua superioridade em relação à natureza.

Na modernidade a arte era técnica, mas não poética. Na Modernidade não havia mais oposição entre técnica e ciência.

Descartes associou o erro dos entendimentos à memória. Todas as disciplinas baseadas na memória seriam falsas. **Vico quis reabilitar a memória,** o que foi o primeiro passo para a criação da **ciência social.** Era partidário da ciência moderna: adversário do formalismo cartesiano, mas próximo da mentalidade científica de Galileu.

Vico comparava a Geometria com as Ciências Sociais: a primeira conhecia os fenômenos em sua exterioridade; as últimas permitiam o conhecimento do ato de criação do mundo civil, pois é a mente humana que cria esse mundo. **O mundo histórico é o mundo das mentes humanas, isto é, o mundo metafísico.** Entretanto, havia falta de rigor nos eruditos. Vico criou uma arte crítica que tinha função metodológica: postura científica e atitude filosófica, síntese de filologia e filosofia. A filologia seria a base material da ciência social. As disciplinas humanistas voltavam à esfera científica, de onde haviam saído no século XVII.

A ciência social é a filosofia da autoridade, do pensamento bárbaro que criou com suas fábulas o mundo civil. Inovavam-se os estudos mitológicos.

As ações humanas são permeadas pela intencionalidade. A linguagem cotidiana é constituída de conexões semânticas. A ciência social é mais complexa que a ciência natural. Na primeira, a linguagem é a expressão concreta do mundo social e, ao mesmo tempo, acesso à mente humana. Assim, o conhecimento da origem do mundo civil será obtido através do horizonte lingüístico das práticas sociais dos primeiros homens, isto é, das mudanças do entendimento humano manifestadas pela linguagem.

Vico instaurou a arqueologia da palavra. A memória para Vico é a mentalidade comum da humanidade, que promove a imanência do passado no presente. A humanidade foi se erguendo com as diversas tradições populares (mitos e fábulas) até o advento da ciência.

O conhecimento da mentalidade do homem primitivo pode levar ao conhecimento de sua língua. Tinha sentidos mais aguçados e imaginação mais fecunda. Os poetas foram o sentido e os filósofos são intelecto do gênero humano. Entretanto Vico afirmou, seguindo Descartes, que o homem independentemente de tempo e lugar é um ser que pensa, que imagina e que sente, esta é a verdadeira identidade humana.

No homem primitivo os sentidos e a imaginação são determinantes; no civilizado são as idéias abstratas. Nos primeiros, as mentes estavam imersas nos sentidos, dominadas pelas paixões, sepultadas nos corpos. Não se pode imaginar como pensaram os homens que fundaram a humanidade.

A mentalidade primitiva será entendida apenas se o investigador abrir mão da sua condição de civilizado para penetrar na mente dos primeiros homens. Essa mente aturdida e ingênua criou deuses na Terra. Nesse sentido, eram criadas fábulas adequadas ao entendimento popular. A poesia primitiva era o adorno do mito e foi produzida quando a memória era confusa e a fala era pobre. A linguagem não era de sons articulados e não usava sinais gráficos. Os monumentos eram considerados religiosidade popular ou objetos culturais. Vico os considera um esforço vital para a geração e fixação da comunidade humana no mundo. A interpretação do mito permite compreender a razão bárbara.

*A filosofia da História está relacionada à Teoria do Conhecimento. Deve-se descer com o pensamento ao mundo dos primeiros homens. Essa descida é guiada pela *Ilíada*, *Odisséia* e a *Bíblia*. Não há uma lei geral do curso do espírito humano no mundo. Vico recorreu a diversas histórias particulares (inclusive do Novo Mundo), mas a interpretação histórica da razão é fornecida pela história das idéias humanas.*

A leitura da Ciência Nova faz com que o leitor experimente com o próprio pensamento a maneira como os primeiros homens pensaram ⁶⁵.

10) Para Koselleck a separação entre ciência e história foi preparada por Vico e, a partir daí surgiu um **tempo especificamente histórico** ⁶⁶.

11) Sonia Lacerda afirma que, segundo Michelet, **Vico foi o fundador da metafísica da história**, o qual disse que **a Ilíada era o trabalho de um povo e interpretou as figuras divinas e heróicas da história primitiva como idéias**. Michelet assimilava sua obra à de Vico. Os traços que tinham em comum eram aqueles usados para definir a concepção histórica denominada **romantismo: devir como processo, valorização das tradições populares e das épocas primitivas, interesse pela poesia heróica e pela mitologia e refinamento da crítica filológica**. Vico despertou entusiasmo entre os escritores contra-revolucionários e apoiadores da restauração na França da primeira metade do século XIX. Entretanto, **não é possível estabelecer uma completa correspondência entre posições intelectuais e ideológicas**, diante da complexidade da problemática e da estrutura teórica da Ciência Nova.

As idéias de Vico tinham afinidade com o **historicismo**. **Vico é apresentado como seu instaurador**. Identificou natureza humana e existência histórica. Separou o mundo natural – feito por Deus, do mundo histórico – feito pelo homem. Sobre a compreensão, disse que **as modificações de nossa própria mente servem para descobrir as formas de pensamento dos tempos remotos**. Estabeleceu uma "hermenêutica contextualista" para interpretar as fábulas e as tradições vulgares. **Criou conceitos equivalentes aos da cultura e do estilo**.

Essa equiparação de um indivíduo (Vico) com um século (o XIX) fez com que Croce afirmasse que **Vico foi o século XIX em embrião**.

Outros interpretaram Vico à luz da metafísica naturalista e o ligaram ao **iluminismo**. Outros enfatizaram a concepção global de processo histórico, o que o aproximaria do **evolucionismo positivista**. Outros ainda viram na Ciência Nova critérios e métodos das **ciências sociais contemporâneas**.

⁶⁵ Guido, Humberto. "O tempo e a História como elaborações da memória: G. Vico e a história das idéias humanas". In: Guido, H. e Sahd, L.F.N. de A. e S. (org.). *Tempo e História no Pensamento Ocidental*. Ijuí – Unijuí, 2006, pg. 37 e ss.

⁶⁶ Koselleck, Reinhart, *Futuro Passado*. Rio de Janeiro – Contraponto, Editora PUC - Rio, 2006, pg. 54.

Vico foi desbravador de muitos caminhos. Pioneiro em teorias, temas e princípios hoje correntes na análise histórica e cultural, foi, entretanto, **filho do catolicismo barroco e impregnado da tradição clássica-humanista**.

Na época da Ciência Nova a **História** já tinha lugar de destaque no meio intelectual da Europa Ocidental, mas tinha cunho literário usando modelos da Antiguidade (**produção historiográfica**). Paralelamente havia outra tradição, a da **erudição clássica** baseada no **humanismo renascentista (filologia)**. **A união entre historiografia e erudição ocorreria apenas no século XIX, especialmente no romantismo alemão**.

Na primeira metade do século XVIII estava no fim a idade de ouro da **história moralizante** – coerente com a concepção clássica da **história Magistra Vitae**. Tal história foi hegemônica até a Revolução Francesa.

Na época áurea do relato histórico-literário reivindicava-se uma **história “científica”**, isto é, um conhecimento além das narrativas e da memorização dos fatos interessantes, mas que desvendasse as “causas” (Mabillon). Essas eram entendidas como “motivos, opiniões e paixões dos homens” – uma análise moral e psicológica. O paradigma era a **história exemplar**.

A **erudição filológica** era praticada por gramáticos, paleógrafos, editores e críticos de textos clássicos e por “**antiquários**”, professores de retórica e juristas (estudo das instituições jurídicas romanas). **Vico foi um desses amadores, mas ocupou posição singular na história da filologia**. Teve **idéias revolucionárias**, como a da lógica das fábulas e da estrutura heterogênea da poesia homérica.

Ciência Nova fez uma reconstrução apologética das origens da humanidade, baseada no relato da criação, sustentando as **doutrinas da graça e do livre-arbítrio**, ameaçadas pela Reforma. Entretanto, a **noção de processo histórico** ultrapassou tais ameaças. Foi uma teoria da sucessão temporal necessária das formas sociais e dos **modos de funcionamento da mente humana** baseada numa versão não convencional de providencialismo cristão.

Vico propôs um novo conceito de história, rompendo com a história exemplar.

O direito natural era o tema articulador e a “natureza das nações” era a chave para a descoberta dos verdadeiros princípios do direito na primeira edição da Ciência Nova.

Na última edição (1744) os “aspectos da Ciência Nova” eram os seguintes:

1. teologia civil racional da **providência divina**. A providência ordenou as instituições dos gentios para salvar o gênero humano;
2. filosofia da autoridade. Noções de autoridade capazes de garantir confiança e observância de regras nas diferentes idades;

3. **história das idéias humanas.** Como as nações, baseadas num senso comum, entenderam as necessidades e utilidades da vida social ao longo do tempo, para instituir o direito natural;
4. crítica filosófica ou nova arte crítica. **Hermenêutica das fábulas, baseada numa lógica poética.**
5. **história ideal eterna.** Forma do tempo histórico. Esquema das **três idades (dos deuses, dos heróis e dos homens)**. Plano divino de salvação da humanidade.
6. sistema de direito natural das gentes. Fundamentos do direito, contra o justanaturalismo.
7. ciência dos **princípios da história universal.** Explicação dos primórdios das nações gentias.

A metafísica poética é a base da teoria: criação do primeiro caráter poético, da mais elementar categoria de linguagem e de pensamento primitivos.

A sabedoria poética é o saber próprio da infância da humanidade – todas as artes que não vêm do raciocínio, do conhecimento abstrato. É uma teoria que exalta a poesia como conhecimento e transpõe conceitos da retórica e da arte poética para a filosofia e antropologia. Apenas aos pagãos antigos se aplica a sabedoria poética. O povo eleito não criou poeticamente suas instituições. No curso a história dos hebreus e a das nações gentias correm separadas e paralelamente, no ricorso estão unificadas, devido a expansão romana e difusão do cristianismo.

Para Vico humanidade é igual à civilidade. Criaturas não humanas tornam-se homens por temor do deus dos auspícios, adotando as três práticas básicas: religião, matrimônio e sepultamento dos mortos. As origens da ordem civil não podem ser explicadas por convenção, pois não poderia haver confiança e acordo nas condições de bestialidade. Deveria haver algo espontâneo (natural) – o senso comum (juízo sem nenhuma reflexão), ensinado às nações pela Providência divina. O senso comum é chave no sistema de direito natural. Esse foi instituído pelos costumes, não por leis. Isso vinha de encontro às doutrinas racionalistas do direito e às teses acerca de um contrato original.

Vico redefine natureza humana e introduz a idéia de processo histórico em que se baseou a versão do direito natural.

A natureza tem um sentido anti-racionalista. A razão não é base para a justiça. A natureza das coisas é seu nascimento em certos tempos e de certos modos. A definição da essência das coisas é deslocada para o modo como elas vêm à existência. Isso historiciza a natureza humana.

*O homem nasceu através do ato de criação das instituições elementares. A natureza humana é social e poética. **Há um primado da imaginação sobre o da razão, mas depois da idade da imaginação surge a idade da razão. Pela primeira vez na história das idéias é dito que a natureza humana é mutável.***

*O verdadeiro é igual ao feito. Isso introduz na vida civil duas determinações: os desígnios divinos e a vontade dos homens. Tais determinações, associadas à noção de senso comum, realizam na história das nações a **correspondência entre o universal e o particular, entre razão e vontade, necessidade e contingência, isto é, entre o vero (verdade) e o certo (correto).***

*O **certo** depende do **senso comum** – fixa o arbítrio humano. É norma de autoridade sujeita às **particularidades** das nações.*

*O **vero** diz respeito à **razão** – o que tem **validade eterna e universal**, como o direito advindo da reflexão filosófica.*

Os homens não eram capazes de verdade e de razão por muito tempo. Essa foi logo revelada por Deus ao povo eleito (os hebreus), mas teve que esperar muito tempo, até o aparecimento dos filósofos para os povos pagãos. Antes disso, os povos foram governados pelo certo da autoridade, pelo senso comum, não pelo verdadeiro.

*A história providencialista de Vico tem dois planos: **o certo humano e o vero divino**, às vontades particulares e às razões de Deus. Entretanto **o certo é parte do vero**. Pode-se reconhecer a verdade universal na existência particular. O mundo civil tem natureza histórica (é criado e modificado pelo homem no tempo), mas **a história em seu todo é racional – tem causa transcendente, tem sentido, tem finalidade – a história ideal eterna. É aquela percorrida no tempo por todas as nações: aparecimento, avanço, estabilidade, declínio e queda.***

*Há **três idades** com o sentido do movimento global para a salvação do gênero humano, mas em cada uma os costumes, o governo, o direito, a linguagem, etc. terão uma **configuração específica**. Entretanto tal salvação não é escatológica – acontece aqui. O progresso histórico é ambíguo. Não há trajeto linear entre a sabedoria poética e a razão esclarecida, mas uma “**barbárie da reflexão**” (excesso de refinamento intelectual).*

*Vico pode ser considerado uma resposta católica aos desafios da razão crítica do final do século XVII. Embora dialogasse com eruditos e filósofos do Settecento, seus resultados foram inovadores. Em muitos casos **adiantou-se no tempo** como no **papel ativo da linguagem na constituição do conhecimento ou na perspectiva antropológica em que viu a retórica e a poética clássicas.***

A compreensão do **processo histórico** é outro aspecto moderno. Deve ser associado ao **historicismo** no sentido de uma percepção genérica das individualidades ligadas às distâncias temporais. A idéia de história de Vico (*História Ideal Eterna*) se assemelha às idéias de **Platão**. Teve relação com o **neoplatonismo renascentista**, que ainda produzia **resíduos barrocos** na cultura napolitana do **limiar do iluminismo**.

A história de Vico não é unitária. A história dos gentios é imaginada, enquanto a história sagrada dos judeus e cristãos é revelada. Há uma tensão entre o arbítrio humano e a razão divina, equilibrados pelo conceito de senso comum, mas acima dela está o **princípio meta-histórico do divino arquiteto** ⁶⁷.

12) Jacques Le Goff refere-se a Vico como **um filósofo original da história**. Diz que inspirou múltiplas admirações dentre as quais destaca Michelet e Croce. Afirma que há uma interpretação marxista de Vico. Marx recomendava sua leitura ⁶⁸.

13) José Carlos Reis escreve que Vico estudou Direito, poesia, História, mitologia e linguagem – as novas ciências humanas. Sua obra tentava se desvencilhar da tradição teológica. **É hoje considerada de extrema importância para o pensamento histórico**. Teve sucesso póstumo e tardio. **No Brasil chegou em 1974 na coleção Os Pensadores da editora Abril Cultural**. O texto integral foi publicado apenas em 1999 pela editora Record – tradução de Marco Lucchesi.

Para Peter Burke há **exagero na imagem de um Vico precursor**. No entanto, no ambiente hostil da época cartesiana, **Vico foi um fundador das ciências humanas. Estaria na origem do historicismo, do existencialismo, do estruturalismo, da fenomenologia e do marxismo dos séculos XIX e XX**.

Vico foi inspiração para Goethe, Herder, Dilthey, Ranke, Cousin, Michelet e Marx (contra o racionalismo); Collingwood, Croce e Meinecke (teoria da história); Mauss, Lévi-Strauss e Godelier (interesse em mentes selvagens), Piaget (linguagem infantil) e historiadores dos Annales e etno-história (mentalidades e modos de pensar).

⁶⁷ Lacerda, Sonia. “O Vero e o Certo: a Providência na História segundo Giambattista Vico”. In: Lopes, Marcos Antônio (org.) *Grandes Nomes da Cultura Intelectual*. São Paulo - Editora Contexto, 2003, pg. 270 e ss.

⁶⁸ Le Goff, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP – Editora da Unicamp, 2003, pg. 87.

Descartes era cético quanto ao conhecimento histórico. Dizia que o historiador fugia da realidade; que as narrativas eram inconfiáveis por serem indiretas, indemonstráveis e inverificáveis e que o conhecimento histórico era inútil e fantasioso.

*Vico contesta essas teses de Descartes, principalmente no se refere ao critério de verdade. **Para Vico a verdade não está na idéia clara e distinta. Só se pode conhecer o que se criou.** Só as criações humanas seriam conhecíveis: direito, artes, linguagens, mitologia, costumes, a cultura. A História é a suprema obra humana.*

Vico deu duas contribuições ao pensamento histórico:

1. Teoria cíclica da História (corsi e ricorsi)

*Era contra a temporalidade linear do iluminismo: da ignorância ao conhecimento; da mitologia à ciência; da superstição ao conhecimento positivo; do homem natural ao civilizado; da irrazão à razão. O movimento não é linear. A História não deve eliminar a emoção, as pulsões, a irrazão reduzindo o homem à sua racionalidade. **Deve associar emoção e razão, fantasia a pensamento racional.***

O movimento da História desenha uma espiral (helicoidal) pela oscilação entre racionalidade e irracionalidade e uma posterior racionalidade e assim sucessivamente.

Para Vico a razão não poderia e não deveria eliminar a irrazão.

Vico valoriza a linguagem, as representações, os costumes. As nações evoluem da imaginação à razão; da política da força à justiça; do direito baseado no privilégio ao baseado na lei; da linguagem poética, fabulosa, figurativa à linguagem em prosa, abstrata e lógico-demonstrativa.

*Todas as nações passam por **três fases**, linguagens, tipos de governo, jurisprudências:*

***Idade dos deuses:** infância da humanidade, governo mágico, divino. Linguagem cifrada, esotérica, figurativa, em versos, restrita a alguns poetas-teólogos. As coisas têm alma – são deuses. Pensamento poético e imaginativo. As causas dos eventos são atribuídas a sua própria natureza. A fantasia domina. Coisas inanimadas ganham vida. Fábulas dão sentido ao mundo.*

***Idade dos heróis:** governo aristocrático dos guerreiros. Linguagem hermética restrita aos sacerdotes. Direito do mais forte.*

***Idade dos homens:** Idade civil ou popular. Governo humano, monárquico. Leis universais. Todos se reconhecem como iguais. Linguagem popular acessível a todos. Época racional.*

*Depois se retorna à primeira idade e assim sucessivamente. Há um progresso não linear (em espiral). **Nenhuma idade é considerada melhor que outra.***

Há uma mão invisível agindo na história – a Providência, que se expressa através dos homens. Os eventos históricos são o alfabeto que permite a leitura da vontade de Deus. O mundo dos homens é feito pelos homens e é modificado por mudanças na própria mente humana. Os filósofos não deveriam refletir sobre a obra de Deus, mas meditar sobre o mundo das nações.

2. Epistemologia da História

A filosofia busca a verdade; a filologia busca o certo. Filólogos são gramáticos, historiadores e críticos. Estudam línguas, feitos, costumes, leis, guerras, etc. As expressões concretas dos povos são o certo. A filosofia e a filologia devem se apoiar mutuamente. Vico diz que o direito natural nasceu independentemente em todos os povos.

Só a história pode ser objeto de conhecimento. Conhecer significa compreender – uma apreensão dos motivos, dos planos, das intenções, dos recursos do criador/agente. Só se pode conhecer pelo interior, empaticamente. A maior criação dos homens é sua própria história. O conhecimento histórico é compreensivo – autoconsciência da própria vida dos homens. Vico valoriza as diferenças concretas.

Vico tem um conceito histórico de Providência. Sua ação só pode ser reconhecida nos costumes e no senso comum da humanidade, jamais pela fé. A Ciência Nova é uma teologia civil racional da providência divina. A Providência se expressa no vivido. A ordem providencial é ambígua (contra impulsos brutais e pelo bem-estar: próprio, da família, da cidade). Assim vai procurar o justo. Na história não há puro acaso nem determinismo, mas as ações dos homens são guiadas pela Providência.

O mundo é temporal, mas as leis que o regem são universais e eternas. A Providência preserva o homem no ser, no bem e no justo. A História deve dar um prazer divino ao leitor, pois em Deus é a mesma coisa criar e conhecer⁶⁹.

14) Elias Saliba refere que a Ciência Nova foi uma obra de toda uma vida. Havia interferência da Inquisição. Embora repetitiva e com muitos dados, apresenta certas passagens luminosas. Foi escrito em forma barroca. Apresentou uma atrevida teoria cíclica da história. Dizia Vico: se o homem não pode conhecer o que não fez, talvez ele possa conhecer o que ele realmente fez – sociedades, nações, civilizações, História. Vico tenta desvendar um mundo humano, para o qual o conhecimento exato e infalível, além de inútil é prejudicial. Segundo Vico: só podemos conhecer um mundo que verdadeiramente criamos.

⁶⁹ Reis, José Carlos. “Vico e a História Nova”. In: Lopes, Marcos Antônio (org.) *Grandes Nomes da Cultura Intelectual*. São Paulo - Editora Contexto, 2003, pg. 289 e ss.

Vico mistura renascentistas (Campanella, Patrizzi e Pico Della Mirandola) com empiristas (Bacon, Hobbes e Locke). Usou um desenho para explicar a obra e tornar mais fácil sua memorização. Buscou a **significação mais profunda da história**. Disse que é a **fantasia** que gera nosso sentido do passado. A **língua e a mitologia** são as chaves para a interpretação das sociedades. Dá importância à idéia de autoconhecimento, a exemplo do que hoje faz Kosellek e Paul Ricoeur nas correntes de **hermenêutica histórica**.

Vico procurou responder se há um padrão na história e se a natureza humana é igual em toda parte. Antecipou a **idéia de uma filosofia da história** (expressão cunhada posteriormente por Voltaire). Vico, no entanto, ao contrário de Voltaire, afirmava que **o homem não tinha natureza, mas tinha história**. Vico dá uma base antropológica e ética para cada uma das três idades que compõe a história ideal eterna: os homens percebem primeiro o que é **necessário**, depois o que é **proveitoso e cômodo** e finalmente do que é **agradável**.

Cada idade tinha uma moral, uma economia, uma jurisprudência, uma política e uma visão de mundo. Foi dada uma ênfase (rara na época) para a produção cultural de cada sociedade.

Vico faz na segunda parte do livro um detalhado estudo lingüístico da poética de Homero. O método é filológico. **A linguagem é a testemunha ancestral da história**.

Para Vico a história é feita de curso e recurso (fluxos e refluxos). Mas não são ciclos de fases fixas, como em um círculo, mas uma **linha sinuosa imitando a espiral de uma história que não se repete** (Collingwood). No limiar da Providência divina e da imanência da vontade humana, Vico construiu, dos corsi e ricorsi dos povos antigos, um paradigma interpretativo da História. Ciência Nova foi escrita na fronteira de vários mundos mentais: **Renascimento, Cartesianismo, Barroco e Iluminismo**.

Vico foi muitíssimo citado, pouquíssimo lido e ainda menos compreendido.

Foi lido por Goethe, Michelet (considerava-o seu único mestre), Marx (dizia que era o **“pai da história da tecnologia humana”** e muitos marxistas o viram como **“o precursor da dialética histórica entre a teoria e a prática”**). Ciência Nova foi inspiração para Croce e Collingwood (**teóricos críticos da história**); para Toynbee e Spengler (**teóricos especuladores da história**) e para Joyce, Edmund Wilson e Isaiah Berlin (**escritores**)⁷⁰.

⁷⁰ Saliba, Elias Thomé. “Vico: Clássico das Antinomias Interpretativas da História”. In: Lopes, Marcos Antônio (org.) *Grandes Nomes da Cultura Intelectual*. São Paulo - Editora Contexto, 2003, pg. 285 e ss.

5. INTÉRPRETES CONTEMPORÂNEOS DE VICO

5.1. CROCE

Benedetto Croce (1866 – 1952) foi um filósofo italiano que, entre diversas obras, escreveu *A filosofia de Giambattista Vico*⁷¹ em **1913**. Seu trabalho provocou o ressurgimento das idéias de Vico. Abordou inicialmente a Epistemologia, a qual dividiu em duas fases: a primeira correspondia ao *Verum ipsum factum* – a verdade é idêntica ao que é feito. A condição sob a qual uma coisa pode ser conhecida é que o conhecedor a tenha feito. O homem não chega à verdade, apenas à certeza. Para Deus, entendimento; para o homem, pensamento. A certeza – a verdade da consciência, não é ciência; mas não pode ser considerada falsa. Descartes usava um método de absoluta demonstração. Vico satisfazia-se com probabilidades: história, observação da natureza, conhecimento empírico, retórica, poesia, etc.⁷²

Vico afastou-se da escola francesa (Descartes) em direção à italiana (Galileu) e à inglesa (Bacon) o que o levou a opor-se ao aristotelismo e ao escolasticismo. Vico era contra o materialismo de Descartes e a influência metafísica da ciência natural de Aristóteles. Reverenciou as idéias platônicas. Reconheceu a inadequação do conhecimento humano. Era cético e agnóstico, com algo de místico.⁷³

O livro *Ciência Nova* foi escrito a partir de novos interesses de Vico: história das leis e direitos naturais (Grócio, lei romana, origens da linguagem, religiões e Estados) e estudos filológicos. Concluiu que estava construindo a história do homem e que ela nada mais era do que um produto do próprio homem. A verdade vinha da conexão indissolúvel entre sujeito e objeto do conhecimento, da semelhança entre criador (homem historiador) e criatura (homem historiado).

Na segunda fase de sua epistemologia Vico passou a considerar o conhecimento dos assuntos humanos, mais que uma aproximação ou probabilidade, mas uma ciência perfeita. Essa preponderância das ciências humanas sobre as naturais era semelhante ao que ocorreu na Grécia entre os filósofos pré-socráticos (“físicos”) e Sócrates (estudo da mente humana).⁷⁴

A filosofia lida com as necessidades da natureza – considera o universal – a verdade da razão; a filologia, com a vontade humana – considera o individual – a verdade do fato. Para

⁷¹ Croce, Benedetto. *The Philosophy of Giambattista Vico* - 1913. Trad. R.G. Collingwood, New Jersey, USA - Library of Congress, 2002.

⁷² *Ibidem*, p. 5 e ss.

⁷³ *Ibidem*, p. 15 e ss.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 22 e ss.

Vico, uma vez que as palavras estão ligadas às idéias das coisas, devem estar relacionadas à história das coisas. A história precisa da filologia e ambas servem à filosofia.⁷⁵

Segundo Croce a *Ciência Nova* consiste em três classes de investigação: filosófica, histórica e empírica. Há uma *filosofia da mente* (desenvolvimento do pensamento através de “idéias” sobre fantasia, mito, religião, juízo moral, força e lei, o certo e o verdadeiro, as paixões, a Providência, etc. - todas as determinações que afetam o curso ou desenvolvimento necessário da mente ou espírito humano), um *grupo de histórias* (povos primitivos, origens de civilizações, sociedades bárbaras e heróicas na Grécia e em Roma – com relação à religião, aos costumes, às leis, às linguagens e à constituição política – poesia primitiva, lutas de classes sociais – entre patrícios e plebeus, origem da democracia, colapso de civilizações e retorno a uma segunda barbárie como no começo da Idade Média na Europa – colapso das civilizações) e uma *ciência social* (tentativa de estabelecer um curso uniforme da história nacional através da sucessão de formas políticas e mudanças correlativas na vida prática e teórica, bem como das generalizações acerca do patriciado, dos plebeus, da família patriarcal, da lei simbólica, da linguagem metafórica, da escrita hieroglífica, etc.).⁷⁶

A filosofia determina as formas, categorias e momentos sucessivos da *mente* através dos quais se define a *história ideal eterna*. Essa também é determinada empiricamente, isto é, através da ordem de sucessão entre as civilizações, estados, linguagens, estilos, tipos de poesia, etc. De acordo com Croce há uma dupla determinação, que se equivalem para Vico! Nesse ponto há uma crítica de Croce ao trabalho de Vico que será posteriormente debatida por Hayden White (ver adiante). Para Croce, Vico não percebeu corretamente a diferença entre filosofia, história e ciência empírica. Atribuía a simples *afirmações históricas* a universalidade dos *conceitos filosóficos* ou a generalidade dos *esquemas empíricos*.⁷⁷

Entretanto Croce aproxima-se de Vico quando analisa a forma de conhecimento imaginativa proposta por ele. A poesia seria uma necessidade natural - uma atividade primária da mente humana. No período em que o homem não tinha condições de formar conceitos universais, tinha idéias imaginárias. Antes de refletir; ele apreendia as coisas de modo confuso. Antes de articular a fala; ele cantava. Antes de falar em prosa; ele falava em verso. Antes de usar termos técnicos; ele usava *metáforas*. Os poetas e os filósofos podem ser considerados o sentimento e o intelecto da humanidade, mas sem sentimento, não pode haver intelecto; sem poesia não pode haver filosofia e nem civilização.

⁷⁵ Ibidem, p. 29.

⁷⁶ Ibidem, p. 36 e ss.

⁷⁷ Ibidem, p. 39 e ss.

Vico investigou a natureza da linguagem. A linguagem emergia naturalmente. Inicialmente “por ações mudas”, ou por sinais ou pelas conexões naturais entre as idéias e o corpo humano. No latim, como em outras línguas, as palavras expressavam propriedades naturais e grande parte da linguagem era *metafórica*.⁷⁸

Para Vico o conceito de mente é como um desenvolvimento, um progresso, uma descoberta (*corso*). A origem da sociedade estaria no instinto e sentimento do homem primitivo, o qual gradualmente tornar-se-ia homem. O pensamento evoluiria de imaginativo para racional universal; a sociedade, da força para a justiça.⁷⁹

Para Vico o mito não era uma fábula, mas uma história de tal espécie que poderia ser elaborada e considerada um fato real por mentes primitivas. Era uma parte essencial da sabedoria poética e bárbara. Era um produto espontâneo de todos os tempos e lugares. As estórias mitológicas não seriam alterações da história real, mas são essencialmente história, pois correspondem essencialmente a verdade que aparecia à mente primitiva.⁸⁰

A lei do refluxo na história previa que a mente após atravessar seu fluxo da sensação à imaginação e dessa à razão universal, ou da violência à equidade, *retornaria* a sensação e violência e começaria um novo fluxo.⁸¹ Tal refluxo, o eterno ciclo da mente, pode e deve ser entendido como algo cujos períodos são continuamente enriquecidos pelos anteriores (*sistema espiralar da história*). Do ponto de vista de Croce, Vico não negava o progresso, no entanto os indivíduos e os acontecimentos eram apagados para ele - considerados apenas casos particulares da mente e da fase da civilização. A idéia de progresso implica que cada indivíduo ou evento tenha uma única, própria e insubstituível função. Vico, ao contrário, via os indivíduos e os eventos interligados.⁸²

Vico reivindicava a imaginação universal, a probabilidade, a certeza, a experiência, a autoridade. a poesia, a religião, a história, a observação da natureza, a academia e a tradição. Ele traçou um esquema de *desenvolvimento natural da mente tanto na história da humanidade como na individual*, a qual ele traz em constante relação com as fases da história.⁸³

As idéias de Vico apareceram em Kant e Hegel, em seu anti-cartesianismo – doutrina da identidade entre verdade e realidade, pensamento e existência. A filosofia de Kant conciliava o real com o ideal, a experiência e as categorias; Hegel promoveu a filosofia da

⁷⁸ Ibidem p.48 e ss.

⁷⁹ Ibidem p.59.

⁸⁰ Ibidem p. 64 e ss.

⁸¹ Ibidem p. 122.

⁸² Ibidem p. 132.

⁸³ Ibidem p. 228.

história do século XIX. O romantismo teve influência de Vico (função original da imaginação). As doutrinas da linguagem de Vico apareceram em Herder e Humboldt. Hume reconheceu que a religião era um fato natural, correspondente ao início da vida humana em sua paixão e estado imaginativo. Para Heyne, a mitologia era “fala simbólica” e substituía expressões do que não era conhecido.⁸⁴

As descobertas históricas de Vico estavam em concordância com o ceticismo e as pesquisas do século XIX: suas regras de método histórico, sua desconfiança em relação às narrativas dos historiadores antigos, seu reconhecimento da superioridade dos documentos e monumentos em relação às narrativas, sua investigação da linguagem como um depósito de crenças e costumes primitivos, sua interpretação social da mitologia, sua ênfase no desenvolvimento espontâneo e isolado ao invés de na comunicação externa (difusão) da civilização, seu cuidado em não interpretar a psicologia primitiva à luz da moderna, etc.⁸⁵

Foram de certo modo seguidores de Vico: Niebuhr e Mommsen (história romana); Wolf (teoria de Homero); Heyne, Müller e Bachofen (interpretação da mitologia); Grimm (etimologia); Savigny (desenvolvimento espontâneo da lei); Thierry e Fustel de Colanges na França e historiadores alemães (história da Idade Média e feudalismo); Marx e Sorel (idéia da luta de classes); Nietzsche (idéia de herói), etc.

Segundo Benedetto Croce *Vico não foi nem mais nem menos do que o século XIX em embrião.*⁸⁶

5.2. COLLINGWOOD

Robin George Collingwood (1889 – 1943) foi um historiador e teórico da história inglês que em seu clássico livro *A Ideia de História*⁸⁷ - publicado em **1946** - dedicou um capítulo a Giambatista Vico⁸⁸. Esse foi introduzido como anti-cartesiano e responsável pela formulação do método histórico, como Bacon o era para o método científico. Combateu a teoria do conhecimento de Descartes – negou seu “pressuposto de que a verdade é a ideia clara e distinta. Vico dizia de que o fato de eu considerar minhas ideias claras e distintas “só prova que eu acredito nelas, mas não prova que são verdadeiras”. Para ele era necessário “um

⁸⁴ Ibidem p. 238.

⁸⁵ Ibidem p. 241.

⁸⁶ Ibidem p. 243.

⁸⁷ Collingwood, R.G. *A Ideia de História*. Lisboa – Editorial Presença, 2001.

⁸⁸ Ibidem p. 83.

princípio que permita distinguir aquilo que pode ser conhecido daquilo que não o pode ser”. Isso tudo aproximava Vico de Hume e Locke e o afastava de Descartes.

Vico chegou à conclusão de que o princípio referido era o fato do próprio conhecedor ter criado a coisa (*verum et factum*). A coisa não passa a existir apenas a partir de seu conhecimento – o que seria puro idealismo, porém “nada pode ser conhecido, a não ser que tenha sido criado”. *Criar é condição para conhecer*. A história estaria completamente apta para ser objeto do conhecimento humano.

Segundo Collingwood, com Vico foi atingida “pela primeira vez uma idéia completamente moderna sobre qual há de ser o tema da história”: “o plano da história é um plano completamente humano”, “o homem é um verdadeiro criador... dentro do processo coletivo do seu desenvolvimento histórico”.⁸⁹

O problema de Descartes não era o mesmo que o de Vico. O primeiro partia de uma concepção cética da realidade, da relação entre as ideias e as coisas. Deveria provar a existência do mundo material – começando por ele mesmo. Para Vico, por outro lado, tal problema era inexistente: para a história “os problemas relativos às ideias e os problemas relativos aos fatos não são distinguíveis”. A história para Vico “*não dizia respeito ao passado como passado*”, mas “*à verdadeira estrutura da sociedade em que vivemos: aos modos e costumes que compartilhamos com aqueles que vivem à nossa volta. Ao estudá-los, não precisamos perguntar se existem.*”. Noutros termos, o passado dizia respeito ao presente e ao presente é desnecessário e sem sentido questionar a existência. “Para o historiador o ponto de vista humano é decisivo”⁹⁰.

Collingwood prosseguiu apresentando o método histórico preconizado por Vico constituído de três regras, cinco preconceitos e quatro recomendações.

Regras do método:⁹¹

1. *Certos períodos da história têm um caráter geral recorrente*. Ex. período homérico e Idade Média na Europa. (Ver adiante **segundo e terceiro períodos metonímicos**)
2. *Os períodos semelhantes tendiam a repetir-se periodicamente na mesma ordem*.
3. O movimento cíclico não é um mero rotativismo através de um ciclo de fases fixas. *Não é um círculo, mas uma espiral*, pois a história nunca se repete, atingindo cada nova fase, uma forma diferenciada em relação a que a antecedeu.

⁸⁹ Ibidem p. 84.

⁹⁰ Ibidem p. 85.

⁹¹ Ibidem p. 86

Preconceitos: ⁹²

1. Opiniões exageradas quanto a riqueza, o poder e a grandeza da Antiguidade.
2. Vaidade das nações – exagerar os feitos do passado.
3. Erro dos eruditos – considerar as pessoas em geral tão eruditas quanto os historiadores.
4. Falácia das fontes – preconceito da difusão do conhecimento entre as nações. O poder criador do homem produz redescobertas independentes.
5. Julgamento dos antigos de modo mais favorável do que os contemporâneos.

Recomendações: ⁹³

1. O historiador deve atingir a reconstrução da vida mental, as idéias das pessoas que estuda. Suas palavras mostram suas idéias. Daí a importância da *etimologia* das palavras.
2. Os deuses da religião primitiva representam um modo de exprimir a estrutura social do povo. Daí a importância da *mitologia*.
3. “Todas as tradições são verdadeiras, mas nenhuma delas significa aquilo que diz.” É necessário saber quem as inventou e com que intenção. Daí a importância da *interpretação*.
4. “*Os cérebros em determinado estágio de desenvolvimento tendem a criar a mesma espécie de produtos*”. A mente de um selvagem contemporâneo ou de uma criança é semelhante a de um selvagem do passado. Daí a importância da *etnologia* e da *psicologia*.

5.3. WHITE

Em seu conhecido livro *Meta-história* escrito em **1973**, Hayden White referiu-se pela primeira vez a Giambatista Vico quando apresentou a TEORIA DOS TROPOS (ver adiante).⁹⁴

Em seguida comentou que os racionalistas do século XVIII e o “excêntrico a-racionalista” Giambatista Vico reconheceram a necessidade de princípios críticos através dos quais as verdades históricas poderiam ser avaliadas. Segundo White, isso não foi possível

⁹² Ibidem p. 87.

⁹³ Ibidem p. 88.

⁹⁴ White, Hayden, *Meta-história – a imaginação histórica do século XIX*, São Paulo, Edusp – 2008, p. 47.

porque faltava ao século XVIII uma “adequada consciência psicológica”. Não havia uma “teoria da consciência humana”. Razão e imaginação (fantasia) não deveriam ser confrontadas, mas consideradas complementares na descoberta da verdade.

Naquela época somente Vico valorizava o mito e a fábula para o entendimento da história (os iluministas em geral entendiam que a fantasia deveria atuar sobre a consciência humana apenas através da arte – a razão e somente a razão deveria atuar sobre a vida - e da história). Vico pretendia, ao contrário, ver a racionalidade “nas mais irracionais das imaginações humanas”. Para ele tais imaginações estavam na base das históricas instituições sociais.⁹⁵

Em seu trabalho *Trópicos do Discurso* de 1978 White dedica dois capítulos à Giambatista Vico: “Os trópicos da história: a estrutura profunda de *A Ciência Nova*” e “O que está vivo e o que está morto na crítica de Croce a Vico”⁹⁶.

De acordo com White, Vico “antecipou as teorias sociais de pensadores tão diversos quanto Hegel, Marx, Nietzsche, Dilthey, Freud e Lévi-Strauss”⁹⁷. Foi “precursor das tentativas de Hegel e de pensadores do final do século XIX, como Durkheim e Weber, de criar as ciências da sociedade e da cultura... antropologia, sociologia, psicologia e economia política.”

Mais adiante White menciona Vico quando esse afirma que “o relacionamento dos homens com seus mundos, o social e o natural, era intermediado pela consciência de um modo especial, principalmente pela fala”. “A natureza humana era composta de corpo, mente e fala. Essa era um “poder criador, ativo e inventivo”.

Em sua filosofia da história Vico apresentou sua história ideal eterna. Todas as civilizações, com exceção das religiões judaicas e cristãs, teriam um nascimento, uma adolescência, uma maturidade (idade adulta) e uma dissolução (*corsi*). Posteriormente haveria uma recapitulação do ciclo original noutros termos (*ricorsi*). A história não seria nem linear, nem cíclica, mas *espiralar*. Para Vico tanto as pessoas como as civilizações teriam uma evolução cíclica (ascensão e queda); porém a consciência e cultura humanas progrediriam eternamente. As civilizações passariam pela Idade dos deuses, dos heróis e dos homens, antes de declinarem e serem submetidas a novo ciclo (ver Quadro 1, p.13).

⁹⁵ Ibidem p. 66.

⁹⁶ White, Hayden. *Trópicos do Discurso*, respectivamente, p. 219 e 241.

⁹⁷ Ibidem p. 219 e ss.

Em sua filosofia da linguagem Vico⁹⁸ afirmou que a lógica poética dos homens primitivos era diferente daquela dos homens modernos (reflexivos). Seu pensamento ia do familiar para o não-familiar, sua lógica correspondia a nomeação e compreensão de objetos, tinham um discurso fantasioso e imaginativo, constituído por mitos e fábulas. Era um discurso com a lógica das figuras de linguagem ou tropos.

Segundo White “a dialética do discurso figurativo (tropológico) em si se torna concebível como o modelo por meio do qual se pode explicar a evolução do homem da bestialidade à humanidade”. **A teoria da transformação da metáfora nas outras figuras de linguagem (metonímia, sinédoque e ironia) é um modelo para a transformação da consciência humana ao longo da história.** Portanto há uma correspondência entre as Idades propostas por Vico e os quatro tropos, conforme se observa no Quadro 2. Essa é a base teórica que norteará a elaboração desse trabalho.

Quadro 2 – AS IDADES E OS TROPOS

Idade dos Deuses	Idade dos Heróis	Idade dos Homens	Declínio
Metáfora	Metonímia	Sinédoque	Ironia

A classificação que Vico faz das culturas e sociedades (Quadros 1 e 2) não é original (observa-se as propostas de Hesíodo e Varrão no mesmo quadro e muitos autores tiveram idéia semelhante: Aristóteles, São Tomás de Aquino, Maquiavel, Montesquieu, Hegel, Marx, Spengler e Toynbee). O que é significativo em Vico “é o uso que ele faz da análise tropológica para a construção de um modelo graças ao qual ambos os estágios evolutivos da consciência possam ser definidos e as transições de um para outro explicadas em termos de ‘modificações da mente humana.’”⁹⁹

White¹⁰⁰ afirma que Croce¹⁰¹ no capítulo III (“A estrutura interna da Ciência Nova”) de seu livro *A filosofia de Giambattista Vico* argumentara que esse confundira suas três classes de investigação na *Ciência Nova*: a filosófica, a histórica e a empírica. Além disso havia muitos erros factuais, mas em contrapartida Vico percebia como era a ação da mente na

⁹⁸ Ibidem p. 226 e ss..

⁹⁹ Ibidem p. 231.

¹⁰⁰ Ibidem p. 245.

¹⁰¹ Croce, Benedetto. *The Philosophy of Giambattista Vico*, p. 36 e ss.

criação do mundo. Croce não admitia a identificação da filosofia com a ciência e a história. Para ele Vico era muito mais filósofo do que cientista ou historiador. Croce criticava Vico por generalizar a história romana para toda a humanidade, e, ao mesmo tempo, excluir a história judaica e cristã. De fato, contrapõe White, a história de Vico continha muito mais verdade filosófica do que histórica.

Um esquema geral de influenciadores e influenciados por Vico pode ser visto na p. 40.

6. TEORIA DOS TROPOS

Os tropos ou figuras de linguagem já haviam sido estudados por Aristóteles e divididos em quatro tipos, embora sob critérios diferentes da classificação usada atualmente. Em sua *Poética* - 1457 b 6-9 citada em Paul Ricoeur - Aristóteles definia a metáfora, em sentido amplo, como “a transferência para uma coisa do nome de outra, ou *do gênero para a espécie*, ou *da espécie para o gênero*, ou *da espécie de uma para o gênero da outra*, ou *por analogia*.”¹⁰²

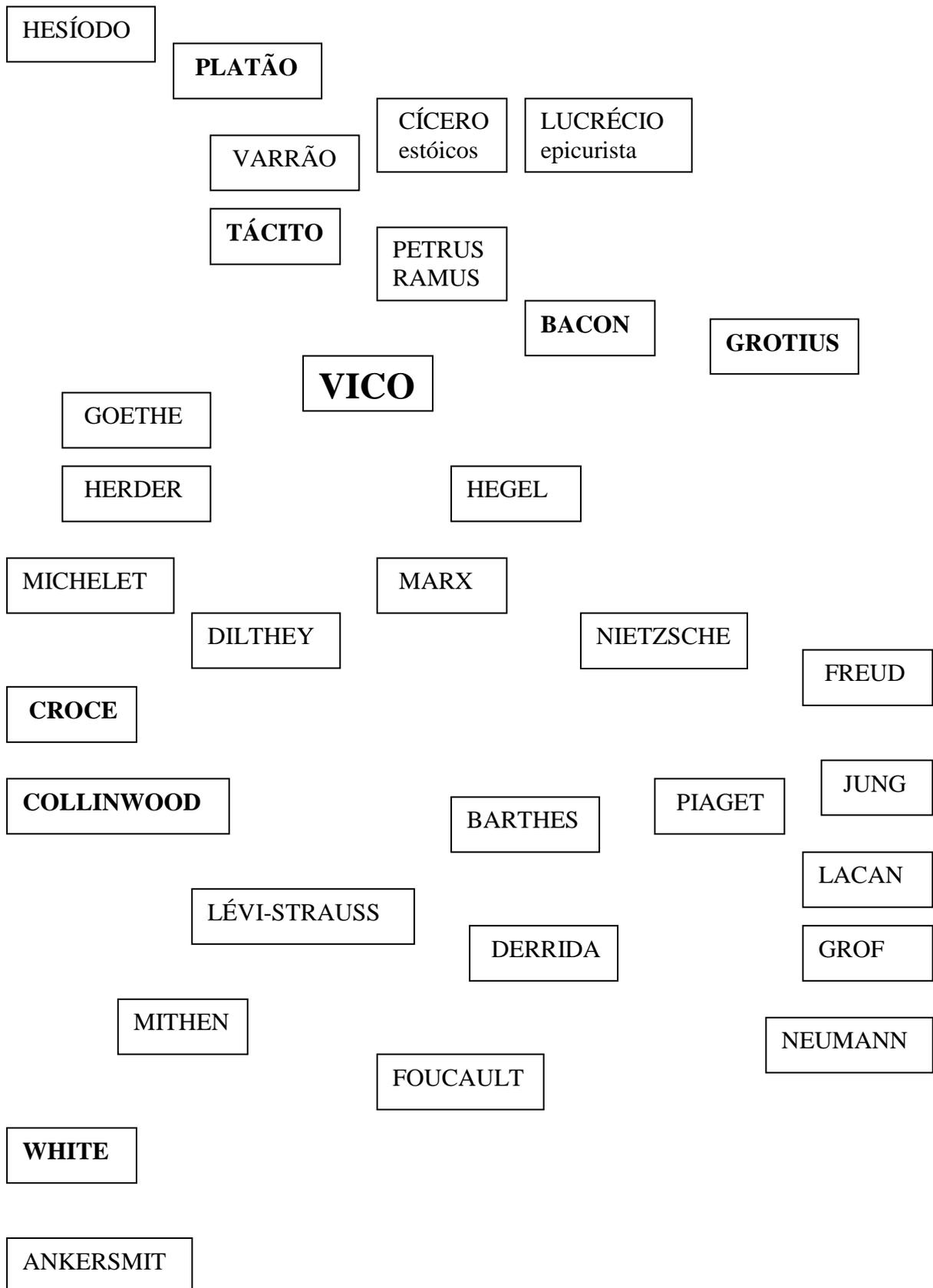
Por outro lado, os estóicos, ao analisarem a **RELAÇÃO ENTRE AS PALAVRAS E AS COISAS**¹⁰³, formulavam quatro categorias cuja caracterização correspondia às quatro figuras de linguagem que seriam utilizadas posteriormente. A *similitudo* era a **metáfora** – em sua origem as palavras eram uma imitação do som das coisas e o interesse dos estóicos na etimologia tinha relação com a verdade da palavra. Assim, “nos nomes mitológicos a etimologia encontra as idéias éticas, religiosas e metafísicas mais profundas”.¹⁰⁴ A *vicinitas* era a **metonímia** – relação de vizinhança, proximidade, contigüidade. A *abusio ou analogia* era a **sinédoque** – o nome era derivado de alguma coisa associada, isto é, uma parte do todo. A *contradicto* era a **ironia** – oposição, contradição.

¹⁰² Ricoeur, Paul. *A Metáfora Viva*. São Paulo - Edições Loyola, 2000, p. 24.

¹⁰³ Neves, Maria Helena Sousa. *A vertente grega da gramática tradicional – uma visão do pensamento grego sobre a linguagem*. São Paulo – Editora UNESP, 2005, p. 101.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 102.

Figura 1 - Vico: influenciadores e influenciados



Os retóricos do Renascimento, cujo principal exemplo foi Petrus Ramus, utilizavam a classificação das figuras de linguagem em função dos quatro tropos (metáfora, metonímia, sinédoque e ironia).¹⁰⁵

Vico reafirmou a tradicional divisão quádrupla dos tropos (metáfora, metonímia, sinédoque e ironia) para “diferenciar os estágios da consciência através dos quais a humanidade passou do primitivismo para a civilização”.¹⁰⁶

Segundo Hayden White, recentemente “os principais expoentes da concepção tropológica do ‘discurso não-científico (mítico, artístico, onírico)’ são os estruturalistas Roman Jakobson e Claude Lévi-Strauss, os quais usam uma base binária (metáfora-metonímia) para “análise dos sistemas nomeativos em culturas primitivas e como chave para a compreensão dos mitos”.¹⁰⁷

Giambattista Vico e Hayden White preferem a classificação quádrupla dos tropos. Tais figuras de linguagem servem para prefigurar de modo compreensível as representações consideradas ambíguas antes que elas sejam interpretadas pela consciência. São os equivalentes lingüísticos dos *mecanismos psicológicos de defesa* (negação, racionalização, sublimação, etc.).¹⁰⁸ “O espaço da linguagem é um espaço conotado, manifestado mais que designado, falante mais que falado, que se trai na metáfora (trope em geral) como o inconsciente se revela num *sonho* ou num *lapse*”¹⁰⁹. Aqui temos explicitamente manifestada a relação existente entre as figuras de linguagem e a mente humana, em seus aspectos consciente e inconsciente. O uso de uma metáfora é semelhante ao de um ato falho (uma troca de nome de pessoas ou de lugares, etc.) ou ao conteúdo aparente de um sonho. Todos correspondem a manifestações do inconsciente para a consciência. Nesse sentido, tanto o sonho individual como o mito coletivo são metáforas – ou metonímias, ou sinédoques ou ironias.

¹⁰⁵ *Meta-história*, p. 46 - ref. 13.

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 47- ref. 13.

¹⁰⁷ *Ibidem*. P. 46- ref. 13..

¹⁰⁸ White, Hayden. *Trópicos do Discurso*. São Paulo, Edusp – 2001, p. 14.

¹⁰⁹ Gérard Genette – “Espace et Langage”, in *Figures*, Paris - Éd. du Seuil, 1966, p. 103, citado em Ricoeur – *Metáfora Viva*, p.228 e 229.

O Novo Dicionário Aurélio¹¹⁰ define respectivamente a *metáfora* como a transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa e que se fundamenta numa relação de *semelhança* (grifo meu); a *metonímia* como a denominação de um objeto por palavra designativa doutro objeto que tem com o primeiro uma relação de vários tipos; a *sinédoque* como uma relação de compreensão. A *ironia* é a negação do significado literal para obter um resultado crítico e/ou de humor.

No quadro 3 os quatro tropos são analisados comparativamente. Através dessa análise é possível torná-los instrumentos de discriminação entre as fases do desenvolvimento mental de **cada ser humano** e dos períodos históricos ao longo da história da **civilização ocidental**.

7. PRESSUPOSTOS DA PESQUISA

Os pressupostos que dirigirão essa pesquisa serão os seguintes:

1º) Aceita-se e se utiliza a denominada *teoria da recapitulação*¹¹¹, através da qual considera-se que a ontogenética (desenvolvimento individual) repete a filogenética (evolução da espécie), no sentido específico de seu aspecto mental. Noutros termos, o desenvolvimento e as manifestações da mente humana individual são análogos ao processo histórico e às manifestações culturais do homem em sociedade.

2º) O princípio epistemológico reiterado por Vico segundo o qual a verdade corresponde ao que é feito é considerado fundamental para essa pesquisa. O homem precisa fazer para conhecer e esse conhecimento é a verdade. Tal fazer e tal conhecer estão na esfera da mente e da linguagem humanas e chegam ao historiador através de todas as manifestações culturais do homem do passado (mitos, crenças, ritos, festas, instituições, monumentos, documentos, etc.), sejam racionais, sejam irracionais.

3º) A compreensão das modificações da mente humana ao longo da história é a chave para o entendimento da história, sejam as modificações conscientes, sejam as inconscientes.

¹¹⁰ Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro – Nova Fronteira, 1999.

¹¹¹ Rossi, Paolo. *O Passado, a Memória, o Esquecimento – seis ensaios da história das idéias*. Capítulo 5 – “O paradigma do retorno ao passado”. São Paulo - Editora UNESP, 2010. p. 140 e ss.

4º) A par das manifestações religiosas, artísticas, científicas, etc. a linguagem (falada e escrita) tem um lugar de relevo como exteriorização do conteúdo da mente humana. Na verdade, a fala ocupa um lugar intermediário e de comunicação entre o corpo e a mente (para Vico o ser humano é composto de corpo, mente e fala).

5º) A história está particularmente envolvida com a linguagem. Essa é fonte e forma de elaboração daquela. A linguagem do passado lança luz sobre o presente e o passado é representado pela linguagem do presente através da narrativa.

6º) A teoria tropológica indica que tais figuras de linguagem são tão eficazes quanto as manifestações do inconsciente (individual e coletivo – sonhos e mitos) para o entendimento da mente humana.

7º) A análise dos tropos (metáfora, metonímia, sinédoque e ironia) predominantemente usados em cada fase do desenvolvimento humano e em cada período histórico permite, através de um entendimento da mente humana, caracterizá-los e perceber sua sucessão.

8º) Devido a presença de fases/períodos o desenvolvimento humano e a história apresentam uma configuração simultaneamente cíclica e linear, ou seja, espiralar. *Cíclica* porque a mente humana – a cultura humana - apresenta épocas de ascensão e de declínio e porque há uma variação regular dos tropos predominantes de cada período; *linear* porque ao fim de cada período a mente e a cultura atingem um grau maior de complexidade. As modificações da mente são ora progressivas, ora regressivas e a extensão de cada fase/período não pode ser satisfatoriamente determinada. A tendência é que os períodos históricos sejam cada vez mais breves em direção ao presente.

9º) A denominação de Giambatista Vico de “História Ideal Eterna” não é compatível com a proposta desse trabalho. Não se deseja propor leis imutáveis sobre a evolução histórica, mas apenas instrumentos heurísticos que nos aproximem da mente humana no passado. Por outro lado a classificação viquiana da história em Idade dos Deuses, Idade dos Heróis, Idade dos Homens e Declínio é aplicável à proposta desse trabalho.

10º) O uso de tropos para interpretação do passado vem ao encontro de idéias mais recentes sobre a epistemologia da história. O teórico da história F. Ankersmit ¹¹² questiona-se sobre três possibilidades do uso dos tropos: a) devem ser usados ao *passado em si*? b) devem ser concebidos no nível de *nosso discurso sobre o passado*? ou c) funcionam na *transição* do passado em si para nossa linguagem narrativa? A questão do passado é problemática e é minha opinião que o presente influencia mais o passado do que o passado influencia o presente. Nossas idéias e nossas narrativas sobre o passado estão mais impregnadas da nossa realidade do que os fatos do passado são capazes de orientar nossas opiniões. Na verdade, há uma relação dialética entre presente e passado. O passado narrado é um passado de cada presente. O passado existe através do presente. As figuras de linguagem entram nesse processo como meios através dos quais se estabelece uma aproximação, como uma “transição” entre o fato e a narrativa. Devemos valorizar tanto os tropos usados pelos indivíduos no passado como aqueles que o historiador utiliza em suas narrativas. Da interação entre tais tropos resultará uma percepção mais sofisticada do passado. É possível afirmar que quanto maior a compatibilidade entre o tropo predominantemente utilizado em determinada época e a capacidade do historiador de interpretá-lo, adaptá-lo a realidade do presente e apresentá-lo em sua narrativa, ou seja, quanto maior a identificação entre o conteúdo e a forma da narrativa histórica, mais próximo ele estará da realidade do passado. Assim Ankersmit complementa essa questão: “As interpretações narrativas são os instrumentos (objetos lingüísticos) que os historiadores criam para dotar de sentido uma parte do passado e cada interpretação (metafórica, metonímica, etc.) deve ser tomada como se visse o passado desde essa perspectiva, essa é sua melhor garantia para compreender uma parte do passado”.

113

Quadro 3 – OS QUATRO TROPOS

¹¹² Ankersmit, F. R. *Historia y Tropologia. Ascenso y caída de la metáfora*. México – Fondo de Cultura Económica, 2004. p. 133.

¹¹³ *Ibidem* p. 146.

	METÁFORA	METONÍMIA	SINÉDOQUE	IRONIA
relações	representacional ¹¹⁴	reducional	integrativa	negacional
	um objeto representa outro	redução de um objeto a seus atributos ou aspectos	integração de objetos por suas essências	intenção sarcástica ou depreciativa
	A sob o ponto de vista de B	A associado a B, mas não faz parte de seu todo	A componente de B	A oposto a B
	semelhança	relação exclusiva subordinação correlação ou correspondência	relação inclusiva coordenação conexão	
	relação subjetiva processo interno e intuitivo	relação objetiva processo externo e verificável	relação objetiva processo externo e verificável.	
	relação objeto-objeto	relação parte com parte.	relação objeto-todo relação de extensão (um termo está contido ou contém o outro).	
		decompõe-se em duas ordens do ser ex. <i>causa e efeito agente e fato</i>	apreensão conjunta das partes	
partes		separadas	unidas	
linguagem	de identidade	de extrinsecalidade	de intrinsecalidade	
poesia ¹¹⁵	ROMÂNTICA E SIMBOLISTA	REALISTA PROSA		
pintura	SURREALISMO	CUBISMO		
cinema	<i>C. Chaplin</i>	<i>D.W.Griffith</i>		
psicanálise (processos simbólicos inconscientes - sonhos – Freud)	similaridade identificação simbolismo	contigüidade proximidade (relação espacial) deslocamento	condensação	
exemplos	<i>cabeça do prego, perna da cadeira barriga da perna, céu da boca braço de rio, dente de alho, pé de montanha tristeza amarga</i>	<i>efeito pela causa (razão) e vice-versa autor pela obra coisa pela forma abstrato pelo concreto símbolo pelo objeto simbolizado conteúdo pelo continente</i>	<i>parte pelo todo e vice-versa particular pelo geral e vice-versa gênero pela espécie e vice-versa espécie pelo indivíduo e vice-versa matéria pela coisa</i>	

8. DESENVOLVIMENTO DA MENTE HUMANA

¹¹⁴. White, Hayden, *Meta-história*, p. 48.

¹¹⁵ Ricoeur, Paul. *A Metáfora Viva*, p. 273 no que diz respeito às divisões binárias entre metáfora e metonímia sobre a poesia, a pintura, o cinema e a psicanálise.

8.1. FENÔMENOS PERINATAIS

O historiador cultural americano Richard Tarnas aponta o trabalho do psicanalista theco Stanilav Grof ¹¹⁶ como o “avanço mais significativo na história recente da psicologia profunda”. Seguindo os passos de Freud, mas principalmente de Jung, Grof foi capaz de desvendar manifestações inconscientes utilizando farmacoterapia e hipnose. Tais manifestações revelavam o inconsciente humano desde a vida intra-uterina até logo após o nascimento (período perinatal). A “sequência arquetípica” que comandava os fenômenos perinatais foi percebida como “dialética”: de um **estado inicial** em que o indivíduo sentia-se como “uma unidade indiferenciada, num paraíso, em uma união mística com a natureza (*participação mística*) e com a grande deusa mãe” – o que corresponde a uma consciência primordial indiferenciada, situação em que há uma similaridade e uma identificação total entre o filho e a mãe – no útero materno durante a gestação (*identificação metafórica*) passava a um **segundo estado** “de contração, conflito e contradição, associado a uma sensação de separação, dualidade, alienação e completa aniquilação” – (*redução metonímica*) – durante a passagem pelo canal de parto (bacia materna durante o trabalho de parto) e finalmente atingia um **terceiro estado** cuja sensação costumava ser descrita como uma “inesperada libertação redentora” (*integração sinedótica*) – o instante do nascimento. Tudo isso ocorria antes de atingir a condição de recém-nascido e ser abraçado pela mãe. Nesse momento era reiniciado o ciclo, mas agora em outro nível. Ironicamente a sensação de morte foi necessária para a promoção da vida – para a individuação do eu. Entretanto ele terá que lidar com novos problemas em outro grau de complexidade: os desafios inerentes à sobrevivência fora do útero materno – **quarto estado** (*contradição irônica*). Interessante que as experiências relatadas pelos indivíduos nessa situação eram tanto pessoais como transpessoais, ou seja, o inconsciente exteriorizado era tanto individual como coletivo: o nascimento do *Homo sapiens* era tão importante como o de um irmão... a filogenia era recapitulada pela ontogenia (teoria da recapitulação).

¹¹⁶ Tarnas, Richard. *A Epopéia do Pensamento Ocidental*. Rio de Janeiro – Bertrand Brasil, 2005, p. 451 e ss.

8.2. DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA

Hayden White¹¹⁷ referiu que a “base ontogenética da consciência figurativa” pode ser esclarecida pela teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget. As quatro fases de Piaget correspondiam aos quatro tropos. Na *fase sensório-motora* (até um ano e meio a dois anos de idade) a criança vive num mundo em que todos os objetos estão centrados nela. São extensões do corpo da criança. Ela vive a experiência da similitude (*situação metafórica*). Na *fase pré-operatória* – dividida em *fase simbólica* (dois a quatro anos) e *fase intuitiva* (4 a 7 anos) aparece a noção de um espaço geral com objetos sólidos e permanentes. Ocorre uma descentralização em relação ao espaço egocêntrico primitivo – aprende relações de contigüidade (espaciais) – o que permite o surgimento da função simbólica, principalmente a fala (*capacidade metonímica*). Na *fase operatória concreta* (entre 7 e 11 anos) a criança torna-se capaz de procedimentos lógicos como operações de reversibilidade ou de conjunto. As operações estão agrupadas em conjuntos – os objetos são partes de totalidade – “elementos de um todo que compartilha as mesmas naturezas essenciais” (*capacidade sinedótica*). Finalmente, na *fase operatória abstrata* (após os 11 anos) há uma dissociação entre os objetos e os pensamentos, há um raciocínio dedutivo e uma lógica de proposições. Surge o pensamento autoconsciente – crítico – e a capacidade de dizer uma coisa e significar outra (*capacidade irônica*).

Portanto, podemos concluir que a “consciência figurativa” apresenta um desenvolvimento, um aumento de complexidade, que pode ser balizado pelas fases observadas por Piaget. Isso comprova que tal consciência figurativa (tropológica) faz parte das modificações observadas na consciência humana individual ao longo de seu amadurecimento.

8.3. PSICODINÂMICA DOS SONHOS

Hayden White usou Sigmund Freud para demonstrar a “estrutura tropológica da consciência”¹¹⁸ Na obra de Freud *A Interpretação dos Sonhos* há evidências de “esquemas tropológicos de figuração no nível do inconsciente”. Os mecanismos da atividade onírica podem ser classificados em quatro grupos: a) representação, identificação e simbolismo

¹¹⁷ White, Hayden. *Trópicos do Discurso*. p . 20 e ss.

¹¹⁸ Ibidem p. 26.

(*metafórico*); b) deslocamento – a essência do sonho não é representada, é deslocada (*metonímico*); c) condensação – o sonho é curto, lacônico, todas as partes são condensadas em poucas situações (*sinedótico*) e d) revisão secundária – a forma de um sonho é usada para representar seu tema oculto (*irônico*). A análise de Freud sobre a função mediadora desses mecanismos na transição entre os pensamentos oníricos latentes (o que significa o sonho) e os conteúdos oníricos manifestos (como aparece o sonho), lembra a proposta de Ankersmit sobre o papel de transição dos tropos entre o passado em si e nossa linguagem narrativa sobre ele (ver acima). De qualquer modo White afirmou que aquelas mediações permitiram entender, no nível da consciência, os mecanismos pelos quais as “figurações poéticas (tropos) podem ser transformadas em compreensões noéticas (afirmações racionais)”. Isso tudo indicava que as figuras de linguagem eram mecanismos presentes no inconsciente individual.

8.4. PRINCÍPIOS DA *GESTALT* DA ORGANIZAÇÃO PERCEPTUAL

Ankersmit¹¹⁹ em suas seis teses sobre a filosofia narrativista da história postulou que “as narrações históricas são interpretações do passado” e que tais interpretações eram *Gestalts* (quarta tese). Esse último termo refere-se à escola de psicologia alemã criada por Max Wertheimer (1880 – 1943) no início do século XX, que enfrentava o pai da psicologia moderna, Wilhelm Wundt (1832 – 1920) por esse “afirmar que a percepção dos objetos era meramente a soma de seus elementos”. Os gestaltistas afirmavam que “ao se combinarem, os elementos sensoriais formariam um novo padrão (uma nova forma), uma nova configuração¹²⁰. Essa idéia era exemplificada pela melodia (um todo diferente das notas musicais que a compõem).

Os “princípios da *Gestalt* sobre a organização sensorial” foram expostos por Wertheimer em 1923. Baseavam-se no fato de que “percebemos os objetos como unidades completas e não como sensações individuais”.¹²¹ Foram estabelecidos **seis princípios**, os quais, para serem adaptados a minha argumentação, foram reunidos em quatro grupos: a) **semelhança** – partes similares são vistas juntas (os pontos e as estrelas da figura 2 são percebidos como linhas) (*figura da metáfora*). b) **proximidade** – as partes próximas no tempo e no espaço parecem unidas - e **continuidade** - tendência de seguir em uma direção de modo aos elementos parecerem contínuos (figura 3) (*figura da metonímia*). c)

¹¹⁹ Op. cit. p. 71 e ss..

¹²⁰ Schultz, D.P e Schultz, S.E. *História da Psicologia Moderna*. São Paulo – Thomson, 2005, p. 317.

¹²¹ *Ibidem* p. 327

preenchimento – tendência a completar as figuras (os semicírculos da figura 4 tendem a ser vistos como círculos - e **simplicidade** – capacidade de simplificar as figuras, em termos de simetria e estabilidade (figura 4) (**figura da sinédoque**) e d) **figura/fundo** – conforme a organização da percepção é possível perceber uma coisa ou outra, uma imagem ou outra (observa-se um coelho ou um pato na figura 5). Uma imagem nega a outra, mas ambas são verdadeiras (**figura da ironia**).

GESTALT

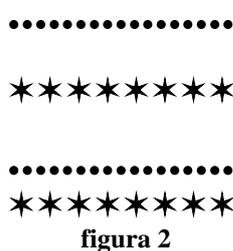


figura 2

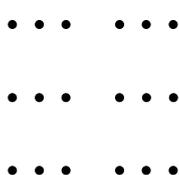


figura 3



figura 4

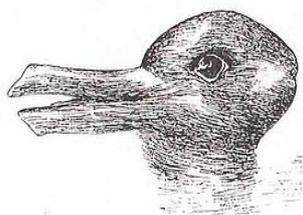


figura 5

O que há de comum entre as formas de organização da *percepção visual* e as *figuras de linguagem (tropos)* é que além de ambos originarem-se da mente humana, são formas de *organização* da mente humana. Retornando a Ankersmit e ainda em sua quarta tese, ele diz que as narrativas históricas devem ser consideradas propostas, não proposições – pode-se questionar sua utilidade ou inutilidade, mas não sua verdade ou falsidade.¹²² Não são conhecimento, mas uma *organização do conhecimento*. A *percepção visual* e as *figuras de linguagem* são organizações do conhecimento, são maneiras de se processar a realidade. O enfoque de cada uma pode ser diferente, mas o objetivo é o mesmo: são instrumentos a partir dos quais a realidade é entendida, interpretada e representada.

9. HISTÓRIA DA MENTE HUMANA

¹²² Op. cit. p. 79.

9.1. PRÉ-HISTÓRIA DA MENTE

Stephen Mithen – arqueólogo de Cambridge também utiliza a teoria da recapitulação (a filogenética recapitula a ontogenética). A psicologia, a biologia e a física intuitivas¹²³ observadas nas crianças e o seu desenvolvimento de uma mentalidade de um tipo generalizado, para depois uma mentalidade tipo-específica e posteriormente para a fluidez cognitiva foram fundamentais para a descrição da evolução da mente em três fases: 1. mentes regidas por um domínio de inteligência geral (aprendizado geral); 2. mentes onde a inteligência geral foi suplementada por várias inteligências especializadas, cada uma dedicada a um domínio específico do comportamento e funcionando isoladamente; 3. mentes onde as múltiplas inteligências especializadas parecem trabalhar juntas, havendo um fluxo de conhecimento e de idéias entre os domínios comportamentais.¹²⁴ Essas mentalidades podem ser definidas, respectivamente, como *metafóricas* (generalização), *metonímicas* (inteligências isoladas) e *sinedóticas* (inteligências integradas).

Analisemos os períodos pré-históricos tradicionais à luz da divisão proposta, como vimos, pela própria mente humana.

9.1.1. PALEOLÍTICO INFERIOR

Muito embora o último achado arqueológico relacionado ao homem seja o *Saellanthropus Tchadensis* datado em 7 milhões de anos, costuma-se localizar o Paleolítico Inferior entre 2,5 milhões e 300 mil anos atrás. Naquele período os chimpanzés, portadores de uma inteligência generalizada (semelhante a de uma criança de dois anos), teriam evoluído para os *Australopitecus* (nossos ancestrais bípedes com inteligência semelhante) e esses para o *H. habilis* há cerca de 2,5 milhões AP¹²⁵. Embora portador apenas de uma inteligência generalizada, apresentava uma psicologia intuitiva e uma inteligência social razoavelmente desenvolvidas. Foi o primeiro a fabricar instrumentos e alimentava-se do tutano dos ossos. Com ele encerra-se o *primeiro período metafórico*.

Ainda no Paleolítico Inferior, contudo há cerca de 1,8 milhões de anos, teria surgido o *H. erectus*. Com ele teriam surgido as mentalidades domínio-específicas (as inteligências social, naturalista e técnica, relacionadas respectivamente às intuições psicológicas, biológicas e físicas). A organização social era mais complexa. Foi o primeiro caçador. Em torno de 300

¹²³ Mithen, Steven. *A pré-história da mente – uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. São Paulo – Editora UNESP, 2002. p. 79.

¹²⁴ *Ibidem* p. 105.

¹²⁵ Antes do presente.

mil anos atrás, no final do paleolítico inferior, aparece na África o *H. sapiens arcaico*, e desaparecem os demais hominídeos. Em termos de inteligência era muito semelhante ao *H. erectus*: várias inteligências, mas isoladas, não integradas. Com ele encerra-se o Paleolítico Inferior e o ***primeiro período metonímico***.

9.1.2. PALEOLÍTICO MÉDIO E SUPERIOR

O Paleolítico Médio (300 mil a 35 mil AP) e o Superior (35 mil a 11 mil AP) serão reunidos, para efeito dessa classificação, em um só período. Correspondem ao surgimento do *H. sapiens sapiens* em 150 mil AP e com ele a *primeira mente humana moderna* (*primeira mentalidade sinedótica*). As inteligências especializadas (com exceção da técnica) já trabalhavam com algum grau de integração e a elas foi acrescida a linguagem. Desde 35 mil anos AP, época em que foi responsável pela extinção do *H. de Niendethal*, o *H. sapiens sapiens* passou a apresentar um tipo de mentalidade associada a uma grande fluidez cognitiva. As inteligências especializadas estavam completamente integradas. O *H. sapiens sapiens* tornou-se o caçador-coletor moderno. A integração das inteligências social e naturalista deu ensejo à religião (nessa época o homem passava a sepultar seus mortos); a união das inteligências social e técnica originou a arte (pinturas rupestres); a partir da associação das inteligências técnica e naturalista a caça e a coleta foram aperfeiçoadas; a junção de todas as inteligências resultou na ciência e na tecnologia. Tal *revolução do paleolítico superior* foi um indício inconfundível da mente humana moderna em funcionamento. Correspondeu ao auge do *modo de produção* colaborativo denominado ***comunismo primitivo***. A esse período denominamos ***primeiro período sinedótico***.

9.1.3. MESOLÍTICO

No final do paleolítico superior – mais especificamente entre 20 e 18 mil AP, ocorreu o clímax dos efeitos da última glaciação. Foi o máximo do gelo glacial e a mínima extensão dos mares. As condições climáticas eram desfavoráveis: a temperatura global diminuiu de 5 a 8° C. Não eram mais produzidas pinturas em cavernas. O próprio Período Mesolítico (entre 11 e 8 mil AP) apesar de ter dado à luz a diferentes tecnologias (arpões, microlitismo, etc.) ainda apresentava dificuldades em prover sua população. O sedentarismo era incipiente o que gerava um discreto crescimento populacional. Em comparação ao Paleolítico Superior havia, segundo Binford ¹²⁶, uma “degeneração cultural”. O mesolítico corresponde ao ***primeiro***

¹²⁶ <http://www.artehistoria.com> acessado em 27/09/2012.

período irônico. Seu final corresponde ao encerramento do primeiro ciclo histórico (ver Quadro 5 – p.61).

9.2. PRÉ-HISTÓRIA E ANTIGUIDADE

PROJEÇÕES MITOLÓGICAS DO INCONSCIENTE COLETIVO

Erich Neumann - psicanalista jungueano - escreveu dois livros de grande importância para nossa pesquisa: *História da Origem da Consciência*¹²⁷ e *A Grande Mãe*¹²⁸. No primeiro estudou os Estágios Mitológicos na evolução da Consciência e no segundo especificamente o arquétipo da Grande Mãe. Tais mitos podem ser historicamente localizados entre o paleolítico superior e a antiguidade tardia. Basicamente eles são os seguintes: MITO DA CRIAÇÃO – **uroboros** e **grande mãe** (paleolítico, mesolítico, neolítico e antiguidade inicial – *segundo período metafórico*); MITO DO HERÓI – **separação dos pais primordiais, luta do herói com o dragão** (antiguidade inicial – *segundo período metonímico*); MITO DA TRANSFORMAÇÃO – **libertação da cativa, posse do tesouro** (Antiguidade Pré-clássica e clássica – *segundo período sinedótico*) e QUEDA DO HERÓI (Antiguidade tardia – *segundo período irônico*).

9.2.1. MITO DA CRIAÇÃO

O **uroboros** é a figura de uma cobra comendo seu próprio rabo, corresponde a uma *fase de amorfia* e autodestruição prazerosa. O ego é pequeno diante do completo domínio do inconsciente. O homem manifesta uma relação narcisista e mágica com seu próprio corpo o qual cobre de pinturas e adornos. Os símbolos predominantes são a luz e o círculo. *Os opostos ainda não estão separados* – não há distinção entre o divino, o humano e o animal. É o monoteísmo primitivo. Trata-se de uma época de paraíso, “do flutuar no lago dos não-nascidos”. Tal expressão lembra as descrições do ventre materno feitas pelos pacientes do psicanalista Grof (ver acima).

O arquétipo da **grande mãe** corresponde à fase da morfogenia – do ritual cósmico (mitologias astral, solar, lunar). Há um progressivo crescimento do ego em relação ao inconsciente - do mundo animal ao espiritual, da masculinidade fálica para uma forma superior. O domínio do inconsciente (afirmar, unir, abranger, fundir tudo - *metafórico*) vai sendo ameaçado pelo domínio da consciência (distinguir, discriminar, excluir - *metonímico*). A

¹²⁷ Neumann, Erich. *História da Origem da Consciência*. São Paulo – Cultrix, 2008.

¹²⁸ Idem, *A Grande Mãe*. São Paulo – Cultrix, 2011.

masculinidade fálica está sob o poder da grande mãe, mas tenta separar-se. O homem ainda não tem consciência da relação entre sexo e procriação. Há uma luta entre as tendências *matriarcais e patriarcais*. A grande mãe divide-se em mãe bondosa (nutridora, que dá prazer) e terrível (devoradora, que provoca dor) – ver Quadro 4. É nesse contexto que o adolescente é induzido a tornar-se herói.

Os símbolos corpo, vaso e mundo representam a mulher e a mulher como útero, ventre, seio e boca tem diversas simbolizações. O útero pode significar a água, o mar, o abismo, o inferno, o túmulo, a caverna, a casa, etc. O ventre pode indicar o ovo, a vasilha, o ninho, o caixão, a plantas, a fruta, etc. O seio refere-se à taça, ao leite, à árvore... A boca tem relação com o hálito e com o logos ¹²⁹.

A grande mãe tem um caráter elementar e um caráter de transformação - ambos podem ser negativos ou positivos (ver Quadro 4 ¹³⁰). Daí podem surgir quatro arquétipos femininos: a mãe bondosa, a virgem, a bruxa velha e a bruxa nova. É com elas que irá se defrontar o filho-adolescente com pretensões a herói.

Quadro 4 – ASPECTOS DA GRANDE MÃE

caráter	elementar	de transformação
POSITIVO	<p>MÃE BONDOSA MÃE</p> <p>conter – gerar – libertar desenvolvimento fruta – nascimento, renascimento <u>imortalidade</u></p> <p><i>Ísis, Deméter, Ártemis, Atena</i> <i>Maria</i></p>	<p>VIRGEM</p> <p>conter – dar – transformar, sublimar – visão - sabedoria – êxtase <u>inspiração</u></p> <p><i>Maat (Egito), Atena (Creta), musas,</i> <i>Ártemis, Sofia</i> <i>Maria</i></p>
NEGATIVO	<p>MÃE TERRÍVEL BRUXA VELHA</p> <p>conter – reter, fixar, aprisionar diminuir, devorar – dor, doença - desmembramento extinção <u>morte</u></p> <p><i>Ichtar, Hécate,</i> <i>Górgona (pré-grega),</i> <i>erínias, fúrias, bruxas,</i> <i>Kali (hinduísmo)</i></p>	<p>BRUXA NOVA</p> <p>conter – rejeitar, privar - transformar, dissolver - êxtase – impotência estupor <u>loucura</u></p> <p><i>Lilith, Astarte, Circe,</i> <i>Medéia, Afrodite, Ártemis</i> <i>ninfas, elfos, gnomos,</i> <i>sereias</i></p>

9.2.2. MITO DO HERÓI

¹²⁹ Ibidem, esquema da p. 58.

¹³⁰ Ibidem, baseado em esquema da p. 72.

No alvorecer da história, ou seja, na Antiguidade inicial, o MITO DA CRIAÇÃO vai sendo somado e misturado ao MITO DO HERÓI. O primeiro episódio desse mito é a **separação dos pais primordiais**. O pai masculino, céu, espírito é separado da mãe feminina, terra, corpo. É a separação dos opostos – situação tipicamente *metonímica*.

Nessa época surge o estágio dos gêmeos (Osíris e Set, Baal e Mot, Esaú e Jacó, etc.) O herói masculino de origem divino-celeste associa-se a um auxiliar nascido na terra e ambos lutam contra a maligna deusa celeste. Qual o objetivo do herói? Nada mais, nada menos que a imortalidade. Estamos falando, dentre outros, de Gilgamesh, Enkidu e Ichtar – personagens da mitologia mesopotâmica.

Quando o herói se torna adulto e ultrapassa os desafios presentes nos *rituais de iniciação* há uma independência do ego. Esses rituais podem ser simbolizados pela **luta contra o dragão**, isto é, pela *luta contra a mãe terrível*. É a partir daí que aparecem aqueles heróis pioneiros do patriarcalismo: os faraós egípcios (a partir da vitória de Osíris com o auxílio de Ísis, o primeiro estabelece uma aliança eterna com seu filho Hórus, cujos laços pai-filho fortes mantêm simbolicamente o poder dos faraós), Marduc (herói babilônico contra a serpente Tiamat), Sansão (vitória sobre os filisteus na história hebraica, mas foi traído – cabelo cortado = cegueira = perda do poder de Jeová - por uma mulher - Dalila), Édipo (vitória sobre a Esfinge) e Orestes (contra Clitmnestra), etc.

Nessas lutas ficarão evidenciadas as disputas entre o *matriarcado* (antigo, representando o inconsciente e relacionado a símbolos vegetais – semente, flor, trigo, árvore, colheita, etc.) e o *patriarcado* (novo, representando a consciência e relacionado a símbolos animais). A transformação do regime matriarcal em patriarcal ocorre historicamente com a unificação do Egito, em torno de 3000 AC e na época da invasão dórica ao continente grego, em algo como 1200 AC. A *abelha-rei* (símbolo do poder materno) paulatinamente passa a ser substituída pelo *grande-homem* (arquétipos de pai: faraó, rei, herói, velho, mágico, sábio, demônio, etc.).¹³¹ Durante o matriarcado a figura de autoridade era a do tio materno. O conflito era entre ele e o filho. Com o patriarcado a disputa é concentrada na relação pai-filho. A presença de um rei permanente no início do patriarcado desencadeia a luta entre o velho e o novo (o velho rei contra o jovem herói),¹³² mas em contrapartida é a partir de então que se

¹³¹ Neumann, Erich. *História da Origem da Consciência*. p. 111 e ss. O grupo *masculino* é móvel e empreendedor. Pela situação de perigo, desenvolve mais a *consciência*, determinando já uma diferença entre o masculino e o feminino. É dado a perambular, caçar e guerrear – é um grupo nômade antes de se tornar um grupo de criadores de gado. O *grupo matriarcal* da caverna, da aldeia ou da casa estimula a emotividade entre mãe e filhos e reforça seus vínculos locais com a natureza – terra, jardinagem, agricultura - e com seus instintos – menstruação, gestação, lactação.

¹³² *Ibidem* p. 144.

admite que *o filho e o pai são um*, para todos os efeitos político-religiosos na sociedade patriarcal em formação.

9.2.3. MITO DA TRANSFORMAÇÃO

A partir do período pré-clássico da história (cerca de 800 AC) o MITO DO HERÓI se desdobra no MITO DA TRANSFORMAÇÃO. O arquétipo vivenciado inicialmente é o da **libertação da cativa** sendo ela representada por uma princesa, a deusa Sofia (sabedoria), um tesouro ou algo muito importante. A cativa no final da história sempre se torna a esposa do herói (estamos em um período sinédótico e nele há sempre um final feliz!). O mito do herói está presente nos festivais de ano novo e primavera. A vitória sobre monstros e inimigos é a condição da união (*hierogamos*) triunfal do jovem herói-rei com a Deusa terra (que depois restaura a fertilidade). Tal união é um estágio mais avançado na evolução da masculinidade. Com a fundação de um novo reino, a era patriarcal entra definitivamente em vigor.¹³³ A libertação da cativa pelo herói corresponde a descoberta de um mundo psíquico.¹³⁴ A cativa é ela mesma o **tesouro**. O tesouro tem relação com a superação do espaço e do tempo – com a *imortalidade*.¹³⁵ O mito do herói torna-se o mito da autotransformação¹³⁶ Há uma síntese (*sinédoque*) entre o inconsciente e o consciente. Percebe-se o aperfeiçoamento das representações pictóricas do inconsciente (*arte*) e o surgimento de processos mentais abstratos (idéias, raciocínios e conceitos – *filosofia*). Entre os gregos, a humanização da vida e das experiências permite a emergência do conflito entre deuses e mortais - o herói tem um pai deus imortal e uma mãe humana mortal (Hércules, Perseu, Teseu, mas também Rômulo, Zoroastro, Buda, etc.).

Esses arquétipos vão sofrer o processo denominado de *personificação secundária*. Através dele os conteúdos transpessoais dos mitos são interiorizados pelos indivíduos, prendendo-se ao ego e à consciência e passando a fazer parte da personalidade – e da história. São interiorizados (incorporados ao ego) os conteúdos (exteriores) dos símbolos, rituais, mitos, sonhos e da infância.

Enfim, os heróis adquirirão três formas de sucesso através do MITO DE TRANSFORMAÇÃO: o extrovertido será um líder, um fundador, um libertador; o introvertido, um sábio, um messias, mas o centrovertido conseguirá o desenvolvimento da psique humana. A consolidação do ego e a estabilização da consciência possibilitarão a

¹³³ Ibidem p. 153.

¹³⁴ Ibidem p. 156.

¹³⁵ Ibidem p. 158. Ver Quadro 4.

¹³⁶ Ibidem p. 186.

autotransformação, a autopreservação, a autoformação e finalmente a individuação do ser humano.

9.2.4. QUEDA DO HERÓI

Sob o ponto de vista histórico o arquétipo da queda do herói corresponde à Antiguidade Tardia, isto é, aos terceiro e quarto séculos depois de Cristo na civilização ocidental. Há uma perda do equilíbrio entre a consciência individual e o inconsciente coletivo. Percebe-se uma recoletivização da sociedade. Os grupos e povos pequenos são atomizados e diluídos em um processo de massificação. A vida do clã, da tribo e da aldeia que havia sido gradualmente substituída pela vida da cidade e do Estado, regride em termos políticos. As emoções ficam restritas à esfera familiar. Termina o segundo ciclo histórico (ver Quadro 5)

9.3. NEOLÍTICO E ANTIGUIDADE (6 mil anos AC até século V DC)

9.3.1. NEOLÍTICO (6 mil anos AC até 3200 AC)

O período neolítico caracteriza-se esquematicamente pelo sedentarismo, agricultura e aumento da população. A religião ainda era animista, baseada em adivinhações e idolatrias. Os fenômenos da natureza como enchentes, raios e tempestades ocupavam as mentes. O medo e a força, a magia e o ritual forjavam a religião. A partir da agricultura e da cerâmica acentuou-se a divisão sexual do trabalho (caça-coleta, pastoreio-agricultura). Homens de um lado; mulheres, crianças e estrangeiros do outro.

Erich Auerbach ¹³⁷, o grande filólogo, colocou sua disciplina no centro do conhecimento histórico. Segundo esse autor, para Vico os “primeiros homens não eram nem seres inocentes e felizes, vivendo em harmonia com uma lei idílica da natureza, nem feraz terríveis, movidas apenas por instintos puramente materiais de preservação.” Vico também era contrário à idéia de uma “sociedade primitiva fundada na razão ou no senso comum sob a forma de um contrato consensual”. Os homens eram “nômades solitários vivendo em promiscuidade desordenada em meio ao caos de uma natureza misteriosa”. Não tinham raciocínio, apenas sensação e imaginação. Depois do trovão (do medo do trovão) surgiu a primeira forma de religião (animista). Personificavam a natureza (*metáfora*). A família, para Vico, já era patriarcal no período neolítico, pois a partir dos pais de família formaram-se as famílias, que precisaram ser protegidas dos brutos (dos gigantes), os quais progressivamente

¹³⁷ Auerbach, Erich. *Ensaio de Literatura Ocidental*, “Vico e o historicismo estético”, São Paulo – Duas Cidades, 2007. (Coleção *Espírito Crítico*), p. 348 e ss.

tornaram-se “clientes” daqueles pais. O pai era o sacerdote e o juiz com leis rigorosas e teor ritual. Para Vico a sociedade começou com a religião, com o casamento e com o sepultamento.

Hayden White ¹³⁸ disse que, conforme Vico, “os homens projetavam nos deuses as qualidades de si mesmos”, e chamava esse processo de *identificação metafórica (segundo período metafórico)*. Os homens eram escravos dos deuses. A sociedade tinha medo: a família refugiava-se na caverna, a mulher e a criança tinham medo dos pais, os pais tinham medo dos mortos, da natureza e de si mesmos. Houve uma humanização dos deuses.

Era a **IDADE DOS DEUSES** e cada um deles personificava uma situação. ¹³⁹ Júpiter, o direito, a idolatria e a adivinhação; Juno, o casamento solene; Diana, a castidade; Apolo, o princípio dos nomes; Vulcano, o princípio do fogo; Saturno, as terras aradas; Vesta, as cerimônias sagradas; Vênus, a beleza civil, Minerva, as ordens civis (rebeliões dos clientes), Mercúrio, o princípio do comércio e Netuno, a arte naval.

Para Collingwood ¹⁴⁰ foi uma época da força bruta.

9.3.2. ANTIGUIDADE INICIAL (3200 AC até século VIII AC)

Tradicionalmente foi um período histórico que correspondeu a formação dos primeiros Estados (Egito e Mesopotâmia), ao uso de metais e ao surgimento da escrita. Collingwood descreve esses Tempos Homéricos com as seguintes características: 1. aristocracia guerreira; 2. economia agrícola; 3. literatura de baladas e 4. idéia de coragem e lealdade pessoais. ¹⁴¹ Os reis mesopotâmicos são representantes dos deuses; o faraó egípcio é o próprio deus. Segundo Vico os pais de família eram divinizados. Os membros da classe superior eram considerados deuses. Surgiu uma aristocracia cuja função era proteger os demais. Instalou-se uma divisão da ordem social.

Conforme Auerbach ¹⁴² houve uma passagem política e econômica: os pais (heróis) das famílias patriarcais passaram a dispor da riqueza e do poder religioso. Uma vez que eram sedentários, tornavam-se superiores aos nômades (*famuli*) que não tinham casamentos, portanto não tinham filhos legítimos e tampouco propriedades. Eles vão se revoltar por direitos, cerimônias e propriedades e os heróis (nobreza) vão se defender, fechando-se nas repúblicas oligárquicas.

¹³⁸ White, Hayden. *Trópicos do Discurso*, p. 232 e ss.

¹³⁹ Vico, Giambattista. *Princípios de uma Ciência Nuova em torno a La naturaliza común de las naciones*, 1ª edição 1725, Trad. José Carner, México - Fundo de Cultura Econômica, 2006, p. 268.

¹⁴⁰ Collingwood, R.G. *A Ideia de História.*, p. 86.

¹⁴¹ *Ibidem* p. 86

¹⁴² *Op. cit.* p. 348 e ss.

White ¹⁴³ comentou a tese de Vico a respeito: houve uma diferenciação dentro e fora das famílias, uma separação entre patriarcas e forasteiros. Trocava-se proteção por tarefas servis. Os servos (clientes, *socci*) passaram a ser escravos dos patriarcas. A lei era exclusivamente da nobreza. A aceitação de tais divisões poderia ser interpretada como uma *identificação metonímica. (segundo período metonímico)*. “Os produtos culturais desse tipo de sociedade são similarmente *metonímicos*, o estilo grandioso das epopéias, que têm como matéria o feito dos heróis ou dos mais nobres homens, pressupõe a nobreza, a descendência divina dos seus protagonistas e ressalta as diferenças essenciais entre os heróis e os homens comuns”. Há uma divinização dos patriarcas.

Vico ¹⁴⁴ já se referia a esse período como a **IDADE DOS HERÓIS**. Surgiram aldeias, cidades e repúblicas aristocráticas. A interpretação filológica da palavra *cippus* viria, segundo ele, do hábito de se colocar *cepos* sobre os cadáveres e daí adviria *sepulcro* e o hábito dos *sepultamentos*. Cita os seguintes heróis: Minos (primeiro navegante do Mar Egeu), Dédalo, Teseu, Perseu, Prometeu, Hércules, Orfeu, Anfion, Lino, Jasão e os da Guerra de Tróia (Menelau, Diomedes, Antenor, Enéias, Heitor, Ulisses e Aquiles).

Colingwood ¹⁴⁵ também chamou esse período de *heróico*, cujas principais características serão a agricultura, a guerra, a poesia e a imaginação. Uma época de força e justiça corajosas.

9.3.3. ANTIGUIDADE PRÉ-CLÁSSICA E CLÁSSICA (séculos VIII AC a II DC)

Esse período caracterizou-se estruturalmente pelo *modo de produção escravista* e pela luta de classes, especialmente entre patrícios e plebeus na época clássica. Em contrapartida, sob o ponto de vista da história das idéias, Karl Jaspers denominou de ERA AXIAL o tempo compreendido entre 800 e 200 AC. Corresponderia à época em que a humanidade foi submetida a um processo de interiorização (personificação secundária de Neumann), tornando-se autoconsciente. O surgimento de religiões na China, Índia e Palestina e da filosofia grega atesta a existência de um ambiente espiritual e intelectual peculiar. Os fatos passavam a ser controlados por leis escritas, tais como a lei das doze tábuas na metade do século V AC em Roma, as quais demonstravam os conflitos existentes entre o privado e o público, entre patrícios e plebeus. Os revolucionários plebeus lidavam racionalmente com seus problemas – a

¹⁴³ Op. cit. p. 232 e ss.

¹⁴⁴ Op, cit. p. 116 e ss.

¹⁴⁵ Op, cit. p. 86 e ss.

mente apresentava-se de forma racional – humana. Sua vitória levou a um período racionalista e democrático, mas à perda do poder criativo da poesia e da imaginação.

De acordo com White ¹⁴⁶ a revolta da classe subserviente representou a percepção da unidade do indivíduo com a espécie e da espécie com o gênero, uma *sinédoque* primitiva que tomava a parte pelo todo ou a espécie pelo gênero – *identificação sinedótica (segundo período sinedótico)*. O poder dos deuses que passara para os nobres, agora também passa para os plebeus.

Vico ¹⁴⁷ denominava esse período de **IDADE DOS HOMENS**. Surgem as repúblicas livres (democráticas) com assembleias e as tiranias. Persistem as monarquias. O direito romano é difundido pelas Províncias do Império. Vico ¹⁴⁸ considerava os seguintes homens como fundadores de civilizações: Zoroastro, Mercúrio Trimegisto, Orfeu, Sólon, Drácon, Rômulo, Numa Pompílio e Confúcio.

Collingwood ¹⁴⁹ chamou de *clássico* esse período histórico. Caracterizava-o pelo raciocínio, prosa, indústria e paz. Teria sido de uma “originalidade brilhante e de uma reflexão construtiva”.

9.3.4. ANTIGUIDADE TARDIA (séculos II DC a V DC)

Foi a época da queda de Roma, a grande crise do século III e das invasões bárbaras. Correspondeu a um tempo em que muitas cidades foram destruídas e a população se refugiava nos campos – ruralização. Vico a chama de *segunda barbárie* (em relação a primeira da pré-história). Trata-se de uma época erística, permeada de ceticismo, corrupção e anarquia, com tendência à autodestruição. Os homens fortes passaram a ser aqueles que detinham a força física – os bárbaros. Era a **IDADE DO DECLÍNIO**.

Conforme White ¹⁵⁰ o homem procurou conciliar a verdade e a falsidade – *identificação irônica* ou (*segundo período irônico*), mas a comunidade humana diferenciada estava inerentemente destinada ao declínio da virtude e ao vício. As marcas da corrupção eram a filosofia cética e a retórica falsa. O poder fluía dos homens para um determinado homem considerado forte. Para Collingwood ¹⁵¹ esse foi um período *bárbaro* - a sociedade manifestava uma “opulência esbanjadora e ruinosa”.

¹⁴⁶ Op. cit. p. 232 e ss.

¹⁴⁷ Op, cit. p. 116 e ss.

¹⁴⁸ Op. cit. p. 268 e ss.

¹⁴⁹ Op, cit. p. 86 e ss.

¹⁵⁰ Op. cit. p. 232 e ss.

¹⁵¹ Op, cit. p. 86 e ss.

Hayden White ¹⁵² em um ensaio sobre Collingwood, afirmou que ele entendia a evolução do homem a partir de uma época em que predominava a expressão e a imaginação para outra de reflexão e contemplação. Nesse trajeto haveria o desenvolvimento da religião e da arte, depois da ciência e da história, e finalmente uma época em que predominaria a filosofia – fechando um ciclo histórico, no nosso caso, o segundo ciclo histórico. (ver Quadro 5).

9.4. IDADE MÉDIA

9.4.1. ALTA IDADE MÉDIA (séculos VI a IX)

Foi o período dos reinos bárbaros e da persistente ruralização, que “modela a imagem da sociedade medieval da Europa” ¹⁵³. Os colonos eram fixados na terra pelos grandes proprietários, certas profissões passavam de pai para filho. Entre os romanos e bárbaros a tendência era a união (identificação). A aculturação dos povos foi favorecida por certas circunstâncias ¹⁵⁴. Os bárbaros já vinham mantendo contato com outros povos (asiáticos, persas, gregos, etc.) e a leste já estava se criando uma cultura miscigenada – a bizantina, a qual passara a ofensiva com Justiniano no século VI. Os bárbaros já utilizavam adequadamente a metalurgia, já estavam se tornando cristãos e se sentiam atraídos pela civilização romana. Contudo havia invasores de diversos povos e isso resultou em muito terror e confusão: os anglo-saxões estavam na Grã-Bretanha; os francos na Gália; os burgúndios na Sabóia; os visigodos na Espanha, os ostrogodos na Itália, os vândalos no norte de África, etc. No século VII aparece o Islã e representa outra peça no tabuleiro político da região do Mediterrâneo. Enfim, todas as lutas, a miscigenação cultural e a identificação entre os povos colaboraram para que esse período possa ser caracterizado como outra época *metafórica (terceiro período metafórico)* da história.

Quadro 5 – HISTÓRIA – DA PRÉ-HISTÓRIA À ANTIGUIDADE

¹⁵² White, Hayden. *The Fiction of Narrative. Essays on History, Literature and Theory – 1957 – 2007*. The Johns Hopkins University Press – Baltimore, EUA, 2010, p. 9.

¹⁵³ Le Goff, Jacques. *A Civilização do ocidente Medieval*. Edusc – Bauru, SP, p. 35.

¹⁵⁴ Ibidem, p. 25 e ss.

<i>IDADES</i>	<i>DEUSES</i>	<i>HERÓIS</i>	<i>HOMENS</i>	<i>DECLÍNIO</i>
<i>tropos</i>	<i>metáfora</i>	<i>metonímia</i>	<i>sinédoque</i>	<i>ironia</i>
PERÍODOS HISTÓRICOS	PRÉ-HISTÓRIA: PALEOLÍTICO INFERIOR	PALEOLÍTICO INFERIOR	PALEOLÍTICO MÉDIO e SUPERIOR	MESOLÍTICO
<i>Mithen</i> mentalidade	generalizada	domínio-específica	primeira mente humana moderna fluidez cognitiva <i>MdP</i> ¹⁵⁵ = comunismo primitivo	glaciação degeneração cultural <i>Binford</i>
<i>Neumann – Jung</i> mitos			criação - uroboros - grande mãe	
PERÍODOS HISTÓRICOS	NEOLÍTICO	HISTÓRIA: ANTIGUIDADE INICIAL	ANTIGUIDADE PRÉ-CLÁSSICA CLÁSSICA	ANTIGUIDADE TARDIA
<i>Neumann – Jung</i> mitos	criação - uroboros - grande mãe	herói - separação dos pais primordiais - luta com o dragão	transformação - libertação da cativa (princesa) - posse do tesouro (imortalidade)	queda do herói recoletivização
<i>Vico, Auerbach e White.</i>	homens = nômades solitários escravos dos deuses cavernas (família)	separação entre patriarcas e forasteiros homens = escravos dos patriarcas aldeias e cidades	luta entre patrícios e plebeus ERA AXIAL <i>Kaspers</i> <i>MdP = escravista</i> Estados	queda de Roma invasões bárbaras ruralização
PERÍODOS <i>Collingwood</i>		HERÓICO	CLÁSSICO	BÁRBARO
	religião/arte	ciência	história	filosofia

9.4.2. IDADE MÉDIA CENTRAL - séculos X a XII

Começaram a predominar marcas de linhagem. A sociedade estava dividida (uns lutam, outros rezam, outros trabalham). Tais estamentos eram completamente aceitos, As disputas individuais eram realizadas através de duelos. As provas provinham do argumento da autoridade da antiguidade, dos ordálios ou dos “milagres”. Entre o povo predominava a

¹⁵⁵ Modo de produção

insegurança e o medo. “O que fundamenta o direito e a prática feudais é o costume” ¹⁵⁶. A cristandade expandiu-se: o norte e o leste da Europa foram cristianizados, a Península Ibérica foi sendo paulatinamente reconquistada e as Cruzadas trouxeram os europeus para o Levante ¹⁵⁷. Os critérios de Collingwood para a ANTIGUIDADE INICIAL – Idade dos heróis – *Tempos Homéricos* são apropriados para descrever a situação em análise (ver p. 57). Os nobres lutavam (Reconquista Espanhola e Cruzadas), a base econômica era a agricultura, a literatura comemorava os feitos desses nobres e bravos heróis, a idéia de coragem e fidelidade com seus rituais começava a fazer parte dos hábitos da nobreza, tanto em relação aos contatos entre suserano e vassalo como no ritual do casamento cristão. Uma divisão social semelhante àquela da primeira idade dos heróis qualifica esse período como outro período de heróis, e pela mesma razão, outra época de identificação *metonímica* (**terceiro período metonímico**).

9.4.3. IDADE MÉDIA CENTRAL - século XIII a metade do XIV

Nesse período de um modo geral consolidou-se o feudalismo, isto é, o *modo de produção feudal*. Houve melhora nos métodos de cultivo e subsequente aumento da população. Apareceram mais cidades, desenvolveu-se o comércio, o direito romano foi reaproveitado. Surgiram as monarquias nacionais na Europa, apoiando-se em um grupo cada vez mais importante: os burgueses. Entre eles e a nobreza ficava marcada a luta de classes desse período, a exemplo da disputa entre plebeus e patrícios na ANTIGUIDADE CLÁSSICA (ver p. 58). Embora ainda não fossem classes propriamente ditas, é certo que nessa época já estava se formando a idéia de que determinadas pessoas pertenciam a um grupo diferente, com meios de subsistência e necessidades diferentes, em relação à sociedade – um elemento de uma espécie, uma espécie de um gênero – uma constatação *sinedótica* (**terceiro período sinedótico**). Trata-se de uma sociedade que, a despeito das disputas, estava unida na religião cristã. Nunca a igreja católica foi tão influente como nesse tempo. A filosofia escolástica, em especial o tomismo, tentava unir Aristóteles à Jesus, ou seja, unir as partes e criar um todo que contivesse a razão e a fé.

9.4.4. BAIXA IDADE MÉDIA (metade do século XIV ao XV)

¹⁵⁶ Ibidem, p. 328.

¹⁵⁷ Ibidem, p. 60 e ss.

Esse foi o período da Guerra dos Cem Anos entre França e Inglaterra. “Na passagem do XIII para o XIV, a Cristandade não apenas interrompe sua marcha, mas se retrai”¹⁵⁸. As terras estavam sendo abandonadas devido a seu fraco rendimento. Diminuíram a população e os preços (depressão econômica). Os bancos italianos sofriam falências. Não recebiam o pagamento dos príncipes a quem haviam financiado (É o caso de Eduardo III da Inglaterra que não pagou os banqueiros Bardi e Peruzzi de Florença).

Entre 1315 e 1317 houve más colheitas e fome generalizada. A partir de 1348 a Peste Negra “transforma a crise em catástrofe”, provocando uma extraordinária diminuição da população. Isso representou uma nova **IDADE DO DECLÍNIO** (*terceiro período irônico*) e a conclusão do terceiro ciclo histórico. (ver Quadro 6 – p. 65)

9.5. IDADE MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Para Michel Foucault¹⁵⁹ a partir do fim da Idade Média e do Renascimento, foram estabelecidas quatro epistemes, ou seja, quatro marcas culturais da compreensão, diagnósticos, paradigmas, **não apenas** cenas de uma narrativa.

9.5.1. IDADE MODERNA – do fim da Idade Média ao século XVI

Época renascentista

Nesse primeiro período da idade moderna a *SIMILITUDE* ou semelhança (*metáfora*) teve o papel construtor do saber. A terra era terra em função do céu ser céu; os rostos eram rostos em função das estrelas serem estrelas, etc.

Havia quatro tipos essenciais de semelhanças:

1. *Convenientia* – é a vizinhança dos lugares, emparelhamento, comunicação dos movimentos, das influências, das paixões, das propriedades. Ligada ao espaço na forma de “aproximação gradativa” – conjunção, ajustamento. O mundo é a conveniência universal das coisas. Elos de uma cadeia.

2. *Aemulatio* – Conveniência que age à distância. Reflexo, espelho – ligação do rosto com as estrelas, do intelecto do homem com a sabedoria de Deus. A Realidade é uma imagem projetada. Duplicação fundamental do mundo. O semelhante envolve o semelhante. Círculos concêntricos e rivais.

¹⁵⁸ Ibidem, p. 99 e ss.

¹⁵⁹ Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo – Martins Fontes, 2001, p. 23 e ss.

3. *Analogia* – Desde os gregos. Ajustamentos, junturas. Semelhanças sutis. Planta e animal. Corpo do homem e atlas universal. Reversibilidade, polivalência. Aplicação universal.

4. *Simpatia* – Atua em estado livre nas profundezas do mundo. Causa movimento, aproximação. Atrai o que é pesado para o peso do solo. Movimento exterior e interior (mudança na qualidade). Torna as coisas idênticas umas às outras. Transforma. É compensada pela *antipatia*. Da relação entre simpatia e antipatia as coisas podem permanecer, pode existir espaço e tempo. O mundo permanece idêntico.

As semelhanças deviam ser manifestadas por marcas – assinalações. Não havia semelhança sem assinalação. O mundo do similar era um mundo marcado. O saber fundava-se na decifração. O mundo era coberto de caracteres, cifras, palavras e signos. Sua forma era a **semelhança**. Era semelhante ao que indicava. O assinalante e o assinalado eram paralelos. A semelhança era o que havia de mais universal e visível, porém mais escondido no saber do século XVI. A Hermenêutica (significado dos símbolos) e a Semiologia (diagnóstico dos signos) eram iguais. Buscar o sentido era trazer à luz o que se assemelhava. As conseqüenciais disso tudo é que o saber procedia por acúmulo de confirmações (semelhanças apóiam-se umas nas outras), o microcosmo no macrocosmo (a distância imensa, mas não infinita era garantia do saber). Adivinhação (magia e erudição) incorporava-se ao conhecimento. A linguagem valia como signo das coisas. A herança da Antiguidade (verdade eterna) era como a própria natureza (segredos a decifrar), um vasto espaço a interpretar.

A linguagem ¹⁶⁰ era opaca, misteriosa, enigmática. Uma rede de marcas (conteúdo ou signo, segredo ou indicação). Era estudada como uma coisa da natureza. Tinha leis de afinidade, analogias obrigatórias. A GRAMÁTICA era dividida em *etimologia (propriedades intrínsecas das letras, sílabas e palavras)* e *sintaxe (comunhão de propriedades entre nome com nome, verbo com verbo, etc.)*. A linguagem do RENASCIMENTO fez nascerem duas formas de discurso: o *comentário* e o *texto*.

Para Foucault as epistemes do período são a SEMELHANÇA e a SIMILITUDE (metafóricas) - *quarto período metafórico*.

Conforme Hayden White ¹⁶¹ era uma época em que se procurava no mesmo o diferente, isto é, investigava-se o grau de semelhança, a relação entre as palavras e as coisas.

¹⁶⁰ Ibidem, p. 47.

¹⁶¹ White, Hayden. *Trópicos do Discurso*, p. 264 e ss.

Quadro 6 – HISTÓRIA – DA IDADE MÉDIA À IDADE CONTEMPORÂNEA

<i>IDADES</i>	<i>DEUSES</i>	<i>HERÓIS</i>	<i>HOMENS</i>	<i>DECLÍNIO</i>
<i>tropos</i>	<i>metáfora</i>	<i>metonímia</i>	<i>sinédoque</i>	<i>ironia</i>
PERÍODOS HISTÓRICOS	ALTA IDADE MÉDIA V a IX	IDADE MÉDIA CENTRAL X a XII	IDADE MÉDIA CENTRAL XIII a XIV	BAIXA IDADE MÉDIA XIV a XV
	bárbaros identificação cultural	Reconquista Cruzadas <i>Divisão</i> social estamentos	luta entre nobreza e burguesia <i>união</i> religiosa e filosófica teocentrismo escolasticismo <i>MdP = feudal</i>	crise econômica do século XIV más colheitas fome, peste diminuição da população
PERÍODOS HISTÓRICOS	IDADE MODERNA		IDADE CONTEMPORÂNEA	
	fim da Idade Média ao século XVI	século XVII ao fim do século XVIII	fim do século XVIII ao início do século XX	início do século XX ao início do século XXI
<i>Foucault</i>	RENASCIMENTO REFORMA RELIGIOSA <i>comparação</i> <u><i>semelhança e similitude</i></u> continuidade Anatomia ⇒	PERÍODO CLÁSSICO diferenças discriminação classificação <u><i>ordem e a mensuração</i></u> contigüidade <i>redução</i> de um objeto a um aspecto ou aspectos Botânica 1-História Natural 2-Análise da Riqueza 3-Gramática Geral	PERÍODO MODERNO Homem como sujeito central e objeto da realidade <u><i>analogia e sucessão</i></u> <i>MdP = capitalista</i> História 1- Biologia ⇒ 2-Economia Política 3- Filologia	PERÍODO POSMODERNO <u><i>finitude e infinitude</i></u> contraciências: - Psicanálise - Etnologia - linguística - fenomenologia - estruturalismo (projeções do tropo da <i>ironia</i>)
MOVIMENTOS filosóficos religiosos artísticos científicos econômicos <u>políticos</u>	humanismo individualismo <i>renascimento</i> <i>maneirismo</i> mercantilismo	<i>barroco, classicismo</i> empirismo, racionalismo cientificismo, mecanicismo <u>absolutismo</u> , iluminismo, matematização máthêsis (ciência universal da medida e da ordem)	capitalismo, <i>romantismo</i> idealismo, historicismo secularismo, positivismo <u>liberalismo, nacionalismo</u> <u>socialismo, materialismo</u> <i>realismo, naturalismo</i> <i>simbolismo</i> <i>impressionismo</i> irracionalismo	<u>comunismo</u> <u>modernismo</u> <i>cubismo</i> <i>surrealismo</i> <i>arte abstrata</i> <u>totalitarismo</u> <u>social-democracia</u> existencialismo <i>pós-modernismo</i> <u>neoliberalismo</u>
<i>White</i>	o mesmo no diferente	a dessemelhança	a historicidade nas Ciências humanas	a incapacidade de linguagem

9.5.2. IDADE MODERNA – do século XVII ao fim do século XVIII

Época clássica ou pré-moderna

A *similitude* já não era mais a forma do saber. Francis Bacon¹⁶² já criticara a semelhança como uma forma de ilusão: as coisas, na verdade, tinham menos ordem e semelhança do que aparentavam. Descartes excluía a semelhança como experiência fundamental e forma primeira do saber. A análise deveria ser em termos de **identidades e diferenças** – de comparações da **medida e da ordem**.

As medidas deveriam ser de grandezas e multiplicidades, grandezas contínuas e descontínuas. Exigiam uma unidade comum. Permitiriam analisar o semelhante conforme o cálculo da identidade ou da diferença. A ordem devia ser estabelecida sem referência a uma unidade exterior. **Comparar e ordenar** era a mesma coisa. Baseavam-se em diferenças crescentes. A comparação não tinha mais o papel de revelar a ordenação do mundo, isso deveria ser feito conforme a ordem do *pensamento* – do simples ao complexo. Mudava completamente a *epistémê* ocidental. Surgia o **racionalismo**. Desapareceram velhas crenças supersticiosas e mágicas. A natureza entrava na ordem científica: Substituição da analogia pela análise; Semelhanças eram infinitas. A comparação podia atingir uma certeza perfeita. O conhecimento adquirido através das confirmações era apenas provável. O espírito não devia aproximar as coisas; mas em discernir – estabelecer identidades, buscar diferenças. **A História (erudição, leitura dos autores, opiniões) se separava da Ciência.**¹⁶³

Os signos tornaram-se instrumentos de análise, marcas da identidade e da diferença, princípios da ordem, chaves para a *taxionomia*. As coisas constituíam-se a matéria infinita das repartições e distribuições. Nos séculos XVII e XVIII a ANATOMIA perdeu o papel diretivo que tinha no RENASCIMENTO para a BOTÂNICA. A disposição fundamental para o visível e o enunciável não passava mais pela espessura do corpo. Até o fim do XVII a vida não existia. Havia apenas seres vivos. Havia HISTÓRIA NATURAL, mas não havia BIOLOGIA.

A GRAMÁTICA GERAL dividia-se entre proposição (articulação) e designação (derivação). Para Foucault as epistemes do período eram a ORDEM e a MENSURAÇÃO (quarto período metonímico).

White chamou a atenção para a dessemelhança, para a relação signo-significado associadas à erudição das *ciências humanas*, em contraposição à mensuração e o arranjo serial das *ciências exatas*. A origem genética da verdadeira natureza através da qual ela poderia ser representada era o estudo da *vida* (história natural), do *trabalho* (teria da moeda) e da

¹⁶² Ibidem, p. 70.

¹⁶³ Foi contra esse contexto racionalista que desqualificava a história que Giambatista Vico se rebelou.

linguagem (gramática geral). Para White, as coisas eram ordenadas em um campo **especializado** fechado.

Enquanto para Foucault até o século XVII o historiador fazia uma grande compilação de documentos e de signos de tudo o que poderia constituir uma marca, ¹⁶⁴ - era mais repetição do que olhar - a idade clássica dava um sentido diferente à história: colocar um olhar minucioso sobre as coisas e transcrever em palavras fiéis. A primeira história que surgiu foi a da natureza.

A maneira de observar os animais era diferente daquela do Renascimento: antes eram um espetáculo, eram “bestas” que estavam em um mostruário. Agora, a observação era vinculada ao gabinete de história natural e ao jardim zoológico – as coisas são apresentadas em quadro.

9.5.3. IDADE CONTEMPORÂNEA – do fim do século XVIII ao início do século XX Época moderna

Continuemos com Foucault. Enquanto a segunda episteme (*metonímica*) estabelecia uma relação entre o nome e a ordem (nomenclatura) que correspondia a uma taxonomia – sistema de signos transparente à continuidade de ser; a terceira episteme (*quarto período sinedótico*) procurou a relação do sentido com a forma da verdade, correspondente a ANALOGIA e a SUCESSÃO. A episteme clássica fora espacial; a moderna era temporal.

Houve uma grande transformação nas ciências entre os séculos XVIII e XIX: (ver quadro 7). O fim do pensamento clássico coincidiu com o recuo da *representação* e a *liberação* da linguagem, do ser vivo e da necessidade. Essa *reviravolta* foi contemporânea ao Marquês de Sade.

A ORDEM do XVIII foi substituída pela HISTÓRIA no XIX. Essa produziu organizações *analógicas* (*temporais*), assim como aquela abriu caminho para as identidades e as diferenças sucessivas (*espaciais*) ¹⁶⁵. O homem tornava-se objeto central da realidade e apresentava uma CONSCIÊNCIA HISTÓRICA. Percebia-se a relação entre as partes e o todo e a diferenciação funcional entre as partes de modo a integrar o todo – *quarto período sinedótico*.

White disse que nessa época ocorreu a mudança do diferente a partir do mesmo. Instalava-se uma historicidade nas ciências humanas. A história passava a ser o modo fundamental de ser das *empiricidades* (corpos particulares de dados). A partir do século XIX,

¹⁶⁴ Op. cit. p. 179 e ss.

¹⁶⁵ Ibidem p. 300.

em termos de história social, começava a se tornar completamente dominante o *modo de produção capitalista* e a formação de uma classe operária para enfrentá-lo.

Quadro 7 – AS CIÊNCIAS CONFORME FOUCAULT

ORDEM – século XVIII		
GRAMÁTICA GERAL discurso	HISTÓRIA NATURAL quadro	ANÁLISE DAS RIQUEZAS trocas
HISTÓRIA – século XIX		
FILOLOGIA constantes morfológicas submetidas à História	BIOLOGIA conceito de organismos e organização evolução	ECONOMIA POLÍTICA análise da produção relação entre valor e preços
fonética	Anatomia comparada	Análise da produção
LINGUAGEM	NATUREZA VIDA	NECESSIDADE TRABALHO
Representação das palavras	Representação dos seres	Representação da necessidade

9.5.4. IDADE CONTEMPORÂNEA

do início do século XX ao início do século XXI

Época posmoderna

Foucault ¹⁶⁶, apoiando-se no economista David Ricardo, afirmou que o sistema capitalista terminará, uma vez que é inevitável que não desapareçam os lucros dos empresários e os empregos dos trabalhadores. “A população ficará estagnada”. “A história enfim se tornará estanque”. “O tempo cumulativo da população e da produção... a partir do século XIX, permite pensar o empobrecimento da história.” Segundo Foucault, “só há história

¹⁶⁶ Ibidem 355.

na medida em que o homem for natural e finito”. A história pode chegar lentamente a um *ponto de estabilidade* ou, atingir um *ponto de reversão*. O pensamento de Ricardo orienta-se pela primeira opção; a reversão é a opinião de Karl Marx.

No começo do século XIX estabeleceu-se a historicidade da economia (em relação às formas de produção), a finitude da existência humana (em relação ao trabalho) e o aprazamento de um fim da história (por afrouxamento indevido ou reversão radical).¹⁶⁷

Freud e Lévi-Strauss, respectivamente expoentes da psicanálise e da etnologia, foram considerados por Foucault representantes das contra-ciências do século XX, uma vez que ambas “rebaixam o fenômeno homem a um nível em que desaparece sua humanidade”¹⁶⁸ De acordo com Foucault, eles fizeram recuar o tempo antes da aparição do humano: a psicanálise desde o útero materno; a etnologia, desde a pré-história. Hayden White complementa que ambos trabalharam com categorias típicas do século XX: a FINITUDE e a INFINITUDE (quarto período irônico e quarto ciclo histórico). Recorde-se qual foi uma das características dessa pesquisa: ir em busca da origem do ser humano antes de estar manifestada sua completa humanidade, justamente para poder interpretá-la tanto em termos ontogenéticos e psicanalíticos como filogenéticos e etnológicos, ou seja, sob uma abordagem multidisciplinar (psicanálise, psicologia, antropologia, etnologia, etc.). Acredito que a humanidade do homem não será rebaixada, como diz Foucault, caso haja uma adequada integração entre tais ciências e a história.

10. OUTRAS VISÕES TROPOLÓGICAS DA HISTÓRIA

10.1. FOUCAULT - A LOUCURA

Considerando os quatro períodos da Renascença, das Eras Clássica, Moderna e Posmoderna, vimos que correspondem respectivamente a determinadas epistemes: similitude e semelhança, ordem e mensuração, analogia e sucessão e finitude e infinitude do homem. A visão da loucura apresentada por Foucault é análoga a sua interpretação das ciências.¹⁶⁹

Na Renascença, o louco era *semelhante* a uma criança, inocente e abençoada. Tinha um caráter de beatitude. A própria miséria era “uma experiência religiosa santificada”. Os piores pecados eram *a soberba e a avareza* e a natureza (os planetas e os astros) era sentida como “fatal” (*identificação metafórica*).

¹⁶⁷ Ibidem 360.

¹⁶⁸ White, Hayden. *Trópicos do Discurso*, p. 268.

¹⁶⁹ Foucault, Michel. *História da Loucura*. São Paulo – Perspectiva. 2005.

Na Era Clássica o medo, a doença, a zombaria isolaram o louco, separando-o espacialmente da sociedade (*redução metonímica*). Os indivíduos foram *classificados e agrupados (metonímia)*: pobres, desempregados, criminosos e loucos. Era indicado o internamento dos “furiosos... doentes venéreos, devassos, libertinos, homossexuais”. A miséria agora não era mais “santa”, mas “uma concepção moral condenada”. Nesse momento da história – início do *modo de produção capitalista*, o pior pecado passava a ser *a preguiça*. Segundo Foucault era o “tempo universal da claridade e das trevas, do dia e da noite, da vigília e do sono” (*redução metonímica*: decomposição em duas qualidades do ser - ver Quadro 3).

Na Era Moderna a loucura foi assimilada às doenças físicas – principalmente por Pinel. Todas as doenças foram reunidas num processo de medicalização da Medicina (*integração sinédótica*). Os asilos passavam a ter caráter médico, contudo por trás da internação hospitalar estava agindo o poder sobre o “outro”, sobre o sujeito de direito que era definido como sadio ou como louco, incapaz juridicamente (alienado, interdito). Por outro lado a loucura era considerada um *escândalo*, perturbava as pessoas como *um grupo* (o grupo é mais do que a soma dos indivíduos (*sinédoque*) e merecia ser afastada do convívio social. De qualquer modo, foi no século XIX que a partir da “psiquiatria científica” deixou-se de entender a loucura como “animalidade” (melancolia, mania, demência, hipocodria, etc.) e começava-se a percebê-la como originada do meio (idiotismo não é demência, neurose não é psicose, etc.).

Foi apenas a partir de Freud e da psicanálise no século XX que os loucos e os sintomas anormais serão questionados criticamente (*ironia*). Foram reavaliados os diálogos das pessoas sadias com as pessoas consideradas loucas, mas também foi reconsiderada a diferença entre os sintomas tidos como sadios e os tidos como patológicos. Passava-se a valorizar a relação médico-paciente, principalmente na situação psicanalítica. A relação razão/loucura agora era problematizada. Havia uma relação dialética.

10.2. BARZUN E WHITE - A HISTÓRIA E A LITERATURA

O historiador francês Jacques Barzun¹⁷⁰ dividiu o período que inicia em 1500 e termina atualmente em quatro fases: *1500 – 1660*, *1661 – 1789*, *1790 – 1920* e *1920 até hoje*. Tais fases (com exceção de um alargamento do período da Renascença por Barzun até 1660)

¹⁷⁰ Barzun, Jacques. *Da Alvorada à Decadência – A História da Cultura Ocidental de 1500 aos nossos dias*. Rio de Janeiro - Editora Campus, 2002.

podem ser razoavelmente superpostas àquelas com as quais estamos trabalhando: *fim da Idade Média ao século XVI*, *século XVII ao fim do século XVIII*, *fim do século XVIII ao início do século XX* e *início do século XX até início do século XXI*. Para esses períodos Barzun considerava que houve, respectivamente, um predomínio da RELIGIÃO (Idade *metafórica* dos deuses), do GOVERNO (Idade *mentomínica* dos heróis), da IGUALDADE SOCIAL E ECONÔMICA (Idade *sinedótica* dos homens) e DECLÍNIO (idade *irônica* do declínio).

Em termos de gêneros literários dominantes (produtos da mente humana) e o tipo do herói, Barzun afirma que na Renascença predominava *a épica e o herói de um povo*; na Era Clássica, *a tragédia e o herói da tragédia*; na Era Moderna, *a lírica, o romance e o herói comum* e na Era Posmoderna, *o teatro crítico em prosa e o anti-herói*.

Hayden White não poderia deixar de ser citado nesse contexto em que examinamos as manifestações literárias ao longo dos últimos 500 anos. Ele propôs¹⁷¹ uma correlação (em termos ideais) entre as figuras de linguagem predominantes, os enquadramentos dos enredos das histórias, os tipos de argumentações e as respectivas ideologias. (ver Quadro 8).

Quadro 8 – TROPOS, ENREDOS, ARGUMENTAÇÕES E IDEOLOGIAS

<i>DEUSES</i>	<i>HERÓIS</i>	<i>HOMENS</i>	<i>DECLÍNIO</i>
<i>metáfora</i>	<i>metonímia</i>	<i>sinédoque</i>	<i>ironia</i>
romântico	trágico	cômico	satírico
<i>formista</i>	<i>mecanicista</i>	<i>organicista</i>	<i>contextualista</i>
anarquista	radical	conservador	liberal

10.3. HISTORIOGRAFIA

A própria maneira de fazer história mudou ao longo desses últimos 500 anos de história. *Grosso modo*, pode-se dizer que a Renascença sofria grande influência dos antigos, os quais (Cícero, principalmente) preconizavam seu uso como mestra da vida. A história serviria como exemplo, como quase tudo naquela época em que, como vimos, a maioria das

¹⁷¹ White, Hayden. *Meta-história*. São Paulo, Edusp – 2008.

coisas era tratada por *similitude*. Associada a essa e com cada vez mais sucesso no período absolutista, passou a predominar a história providencialista (Bossuet é um exemplo) através da qual Deus seria a última palavra para todas as questões. Essa visão da realidade certamente é *metafórica*.

O século XVIII é o dos iluministas. É o século da filosofia da história (da razão - combatida por Vico). É um século mecanicista e *metomínico*.

O século XIX é o século empirista e historicista da ciência (do progresso). Surge a história científica – *sinedótica*. De acordo com os termos de Alan Munslow ¹⁷² a história a princípio era reconstrucionista – narrar apenas o que aconteceu (XIX). Depois surgiu a história construcionista (história moderna - início de XX) - os conceitos são inseridos na narrativa. Mais recentemente apareceu a história desconstrucionista (história posmoderna - final do XX). Essa é uma história centrada na narrativa. Sua epistemologia é relativística – *irônica*.

Conforme Jörn Rüsen – teórico da história alemão ¹⁷³, os “tipos de produtos historiográficos ou estilos narrativos históricos” podem ser classificados em *tradicional*, *exemplar*, *crítico* e *genético*. Por suas características podemos traduzi-los da seguinte maneira: 1. *tradicional e exemplar* na RENASCENÇA: o *tradicional* com aspectos de continuidade, reprodução e eternização e o *exemplar* usando pessoas e situações como modelos (*metáfora*); 2. *crítico* no ILUMINISMO, procurando uma autonomia, como questionador de orientações históricas (*metonímia*); 3. *genético* no HISTORICISMO, através da incorporação de mudanças, transformação, evolução, dinamismo, dinamismo do processo (*sinédoque*) e 4. *genético* no POSMODERNISMO – relativização (*ironia*).

Hayden White ¹⁷⁴ apontou o modo como quatro importantes filósofos da história (Hegel, Droysen, Nietzsche e Croce) classificaram as ESTRATÉGIAS INTERPRETATIVAS DA HISTÓRIA. Indicamos a seguir como tais estratégias podem estar associadas à TEORIA TROPOLÓGICA (Quadro 9).

¹⁷² Munslow, Alan. *Desconstruindo a História*. Petrópolis – Vozes, 2009.

¹⁷³ Rüsen, Jörn. *História Viva*. Brasília. Editora UNB – 2010.

¹⁷⁴ White, Hayden. *Trópicos do Discurso*, “A interpretação na história”, p. 65 e ss.

Quadro 9 – A HISTORIOGRAFIA VISTA POR QUATRO FILÓSOFOS DA HISTÓRIA

HEGEL	Historiografia original – escrita ingênua – <i>Tucídides</i>		
	Historiografia filosófica – filósofo extrai leis gerais		
	Historiografia reflexiva (autoconsciência crítica)	universal – <i>Tito Lívio</i> (ingênua)	M
		pragmática	m
		crítica	s
conceitual – <i>Niebuhr</i> (sentimental)		i	
DROYSEN	causal	M	
	condicional	m	
	psicológica	s	
	ética	i	
NIETZSCHE	monumental	M	
	antiquária	m	
	crítica	s	
	super-histórica	i	
CROCE	romântica	M	
	idealista	m	
	positivista	s	
	crítica	i	

M = metafórica; m = metonímica; s = sinedótica; i = irônica

11. COMENTÁRIOS

Giambattista Vico viveu na Nápoles entre o final do século XVII e a metade do século XVIII. Filho de livreiro de poucas condições financeiras foi preceptor dos filhos de um nobre e assim pode dedicar-se aos estudos clássicos. Foi professor de retórica e por isso responsável pelos discursos inaugurais na Universidade de Nápoles durante alguns anos no início do século XVIII. Dedicou-se a um livro polêmico durante os últimos 20 anos de sua vida.

A *Ciência Nova* foi uma obra revolucionária - completamente adiantada para seu tempo. Naquela época Descartes comandava o meio intelectual com sua filosofia racionalista e mecanicista. Vico enfrentou sua idéia de que a verdade vinha de “uma idéia clara e distinta”. Pelo contrário, a verdade era aquilo que o homem fazia. A física feita por Deus estava mais distante do homem do que a história, porque esse a fizera. Seus princípios devem ser encontrados nas modificações da mente humana. Além disso, Vico mudou o enfoque e alargou definitivamente os objetos da história.

Muito embora apresentasse uma história feita pelo homem, essa ainda tinha fortes resquícios da Providência. Para demonstrar seu interesse na mente humana, ele separou duas histórias: aquela revelada ao povo hebreu e cristão e aquela dos povos gentios. A primeira não foi analisada por Vico e tinha uma configuração linear; a segunda passava pelo processo cíclico e linear (espiralar) de progresso e regresso. Com base na teoria egípcia (segundo Vico) de uma Idade dos Deuses, dos Heróis, dos Homens e do Declínio ele propôs sua História Ideal Eterna.

Os objetos da história foram ampliados por Vico. Esse valorizou todas as manifestações da cultura humana – mitos, rituais, costumes, instituições públicas, casamentos, festas, sepultamentos, linguagem, etc. A mente racional corresponderia apenas a um aspecto parcial da história. O historiador deveria usar a imaginação criativa para entender os povos antigos em seus termos (razão, mas também sentimento, vontade, imaginação, etc.).

Segundo White ¹⁷⁵ para Vico as *pessoas* e as *civilizações* sofreriam uma evolução cíclica e a *mente* e a *cultura* humanas teriam um progresso eterno. Daí o aspecto *espiralar* do processo histórico de acordo com Vico. Não foi esse, porém o nosso entendimento da principal mensagem do napolitano.

É certo que o *homem individualmente* desenvolve-se dentro do útero materno, nasce, cresce durante a infância, amadurece e morre; de modo semelhante as *civilizações* que são instituídas, crescem, amadurecem, declinam e desaparecem. Entretanto, aquela pessoa como tal não apresenta uma velhice semelhante à infância; como também aquela civilização não terá um final semelhante ao início, ou seja, *não* há um ciclo interno ao indivíduo ou a determinada civilização. Além disso, nem aquela pessoa e tampouco a civilização voltarão a ser como eram, uma vez desaparecidas jamais retornarão. Então as pessoas e as civilizações apresentam particularidades que as fazem dignas de atenção pela história, a despeito de que tais aspectos representem o *resultado* da intermediação de uma variedade de circunstâncias imponderáveis em cada época e local. Não podem ser analisados em termos de nenhum padrão, logo as *pessoas* e as *civilizações* não poderiam sofrer uma evolução cíclica.

Entretanto aquilo que deu origem àquele *resultado* pode ser interpretado de forma diversa. A causa daquele resultado certamente é *a mente humana*. Quando depuramos da história os fatores contingentes (para incorporá-los posteriormente) e permanecemos com a *cultura*, essa revelará a *mente humana* e vice-versa. Essas sim teriam uma evolução *espiralar* (*cíclica e linear*). É possível estabelecer um *padrão* dirigido pela linguagem: *quatro ciclos* ao

¹⁷⁵ White, Hayden. *Trópicos do Discurso*. p. 219 e ss.

longo da história, cada ciclo é caracterizado pela seqüência dos *quatro tropos* (da metáfora para a metonímia, para a sinédoque e finalmente para a ironia – a qual significa um *período de declínio e regressão da mente e da cultura*, desse modo elas *não* apresentariam um “progresso *eterno*”). Em contrapartida a cada novo ciclo todos os períodos retornariam – aspecto *cíclico* – mas em outro nível de complexidade o que poderia ser chamado de “progresso” *linear* da mente e da cultura humanas. Portanto, a mente apresenta uma estrutura diacronicamente cíclica. É ela que manifesta estágios cada vez mais complexos, regride, para depois progredir novamente.

Logo, o que há em comum entre o indivíduo e a história é a mente humana. Foi demonstrado ao longo dessa pesquisa que há fortes indícios para considerarmos que a mente humana individual evolui desde o útero materno até a idade adulta através de estágios muito semelhantes àqueles em que se altera a mente coletiva ao longo dos ciclos históricos. Ambas podem ser avaliadas através do uso das figuras de linguagem. Essa mente coletiva diz respeito à mente humana em geral, muito embora os dados analisados refiram-se principalmente ao mundo ocidental.

Há um padrão entre um tipo de mente e o seguinte - indicado pela figura de linguagem - e tal padrão corresponde àquele experimentado pela mente humana individual em sua fase de desenvolvimento. Esse padrão histórico desenha um ciclo cuja seqüência tem sido infalível ao longo dos tempos, mas cuja duração é impossível de ser prevista. Observa-se, no entanto, que tais ciclos mostram uma tendência a serem cada vez mais curtos (comparar a pré-história da mente de Mithen com as transformações nas epistemes de Foucault dos últimos 500 anos).

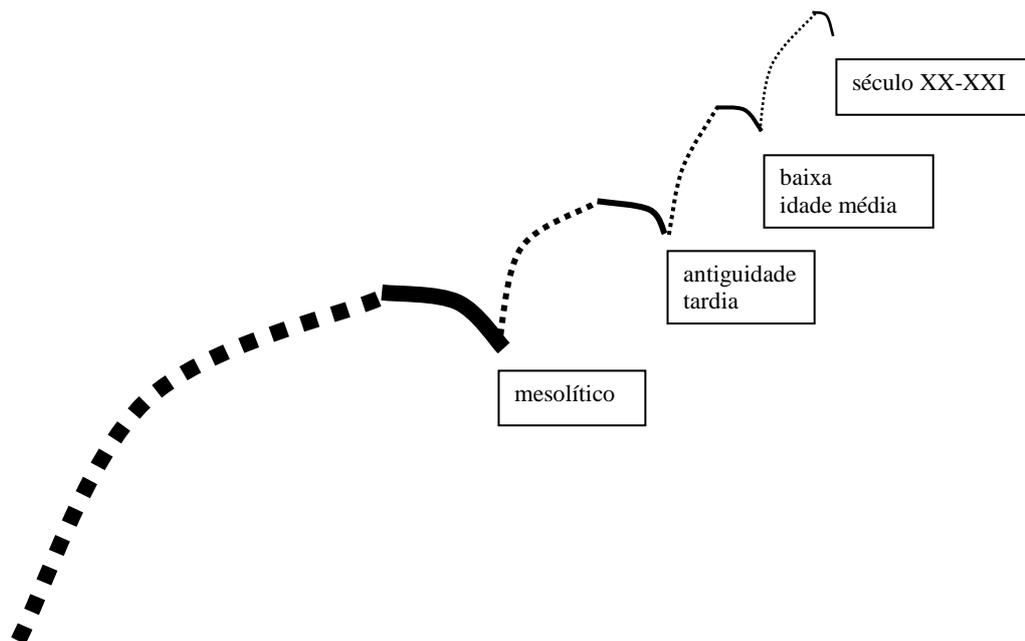
A mente é individual e coletivamente cíclica, porém seus *resultados* históricos apresentam diferentes graus de linearidade e ciclicidade (espiralidade), os quais dependem da dimensão da realidade que se tem em vista. Os *acontecimentos* em geral e os *políticos* em particular são extremamente variáveis; os progressos *científicos e tecnológicos* têm sido cada vez mais acelerados e raramente apresentam regressão. Os *ciclos econômicos* têm uma variação intermediária. Por outro lado, as variações *sociais, ideológicas e culturais (literárias, artísticas e religiosas)*, mais apegadas às propriamente *mentais (psíquicas)* têm um grau muito lento de transformação. Paradoxalmente, é a essa lenta e cíclica dimensão mental, seja por seu caráter relativamente previsível, seja por envolver e determinar as demais dimensões da realidade, que o historiador deve dar a maior das atenções caso pretenda compreender profundamente a história.

Os períodos históricos que retornam ciclicamente se são semelhantes em termos de mentalidade (linguagem – tropos), por outros critérios são bem diferentes. O Período

Mesolítico e a invasão bárbara na Antiguidade Tardia e os Tempos Homéricos e os medievais têm, respectivamente, mentalidades parecidas, mas contextos políticos e tecnológicos diversos. O aspecto da curva histórica é de uma espiral que se desenvolve para frente (no tempo) e para cima (maior complexidade) (ver figura 6)

Vico e Hayden White perceberam que as figuras de linguagem (os tropos) eram os melhores instrumentos para se chegar à mente humana (como Freud pensou que eram os atos falhos e os sonhos). Posteriormente os psicólogos e psicanalistas (em especial, os discípulos de Carl Jung) se deram conta de que tais figuras correspondiam aos mecanismos de defesa psíquicos, pois ambos permitiam que o inconsciente aflorasse à consciência, ou seja, ambos revelavam a mente humana, seja no passado, seja no presente.

Figura 6 – HISTÓRIA DA MENTE



12. CONCLUSÕES

Essas são as razões pelas quais utilizamos os *quatro tropos* para redesenhar a mente humana individual e a história humana na presente pesquisa. A maior parte de nossas observações diz respeito a tentar aproximar os conhecimentos disponíveis sobre o inconsciente e o consciente humano, particular e coletivo, com determinadas figuras de linguagem. O objetivo é que elas sirvam de transição, de meio heurístico, pelo qual o passado do homem seja esclarecido.

Tomando a mente humana como ponto de partida fomos levados a corroborar a Teoria da Recapitulação (a ontogenética recapitula a filogenética). A vida intra-uterina recapitula a vida pré-histórica, senão em termos orgânicos, certamente em termos psíquicos. O ventre materno é um paraíso para o feto do mesmo modo que o uroboros primordial o é para o homem primitivo. As inúmeras e diversas situações por que passa a humanidade podem ser interpretadas em termos de como se sentia, pensava e agia. As manifestações culturais, incluindo a linguagem, e especialmente as figuras de linguagem usadas por cada povo, em cada lugar e em cada época podem nos auxiliar sobremaneira nesse processo. Quanto mais próximos estivermos da realidade passada, menor será o risco de considerações anacrônicas sobre tal passado.

Analisamos toda a história humana, da pré-história até nossos dias. Com base na divisão tropológica da história espiralar diagnosticamos *quatro ciclos* (todos com um período metafórico, um metonímico, um sinedótico e um irônico), três dos quais se encerraram no MESOLÍTICO, na INVASÃO DA EUROPA PELOS BÁRBAROS e na CRISE DO FINAL DA IDADE MÉDIA. O último ciclo ainda é atuante HOJE em seu *período irônico*.

Como disse Vico, *nós* entendemos a história porque *nós* a fizemos – e é a isso que devemos chamar de verdade. O que há em comum entre “*esse nós*” que efetivamente fez a história e “*aquele nós*” que quer entendê-la é que todos somos humanos, todos temos uma mente humana.

13. BIBLIOGRAFIA

Abrão, Baby. *Grandes Filósofos – Biografias e Obras*, São Paulo – Nova Cultural, 2005. (Coleção *Os Pensadores*).

Ankersmit, F. R. *Historia y Tropologia. Ascenso y caída de la metáfora*. México – Fondo de Cultura Económica, 2004.

Arendt, Hanna. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo – Perspectiva, 2007.

- Auerbach, Erich. *Ensaio de Literatura Ocidental*, São Paulo – Duas Cidades, 2007. (Coleção *Espírito Crítico*).
- Barzun, Jacques. *Da Alvorada à Decadência – A História da Cultura Ocidental de 1500 aos nossos dias*. Rio de Janeiro - Editora Campus, 2002.
- Berlin, Isaiah. *Vico e Herder*. Brasília – Editora UNB, 1982.
- Bettelheim, Bruno. *A Psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro – Paz e Terra, 1988.
- Bodei, Remo. *A História tem um sentido?* São Paulo, Edusp – 2001.
- Burke, Peter. *Uma História Social do Conhecimento*. Rio de Janeiro – Jorge Zahar Ed., 2006.
- _____. *Vico*. São Paulo – Editora da Unesp, 1997.
- Chaunu, Pierre. *A Civilização da Europa das Luzes (volume 1 e 2)*. Lisboa – Estampa, 1995.
- Collingwood, R.G. *A Ideia de História*. Lisboa – Editorial Presença, 2001.
- Croce, Benedetto. *The Philosophy of Giambattista Vico - 1913*. Trad. R.G. Collingwood, New Jersey, USA - Library of Congress, 2002
- _____. *História como história da liberdade*, Rio de Janeiro – Topbooks Editora, 2006.
- Diamond, Jared. *Armas, germes e aço*, Rio de Janeiro – Record, 2007
- Dias, Maria Odila Leite. In: Moraes, J. G V. e Rego, J. M. (entrevistas por). *Conversas com Historiadores Brasileiros*. São Paulo - Editora 34, 2002.
- Diehl, Astor Antônio. “Vico e a História Cultural: uma tentativa de atualização”. In: Lopes, Marcos Antônio (org.) *Grandes Nomes da Cultura Intelectual*. São Paulo - Editora Contexto, 2003.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro – Nova Fronteira, 1999.
- Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo – Martins Fontes, 2001.
- _____. *História da Loucura*. São Paulo – Perspectiva. 2005.
- Guido, Humberto. “O tempo e a História como elaborações da memória: G. Vico e a história das idéias humanas”. In: Guido, H. e Sahd, L.F.N. de A. e S. (org.). *Tempo e História no Pensamento Ocidental*. Ijuí – Unijuí, 2006.
- _____, *Giambattista Vico – a filosofia e a educação da humanidade*. Petrópolis, RJ – Editora Vozes, 2004.
- Huges-Warrington, Marnie. *50 Grandes Pensadores da História*. São Paulo - Editora Contexto, 2002.
- Koselleck, Reinhart. *Crítica e Crise*. Rio de Janeiro – Eduerj – Contraponto, 1999.
- _____, *Futuro Passado*. Rio de Janeiro – Contraponto Editora PUC-Rio, 2006.
- Lacerda, Sonia. “O Vero e o Certo: a Providência na História segundo Giambatista Vico”. In: Lopes, Marcos Antônio (org.) *Grandes Nomes da Cultura Intelectual*. São Paulo - Editora Contexto, 2003.
- Le Goff, Jacques. *A Civilização do ocidente Medieval*. Edusc – Bauru, SP.
- Mithen, Steven. *A pré-história da mente – uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. São Paulo – Editora UNESP, 2002.

- Munslow, Alun. *Desconstruindo a História*. Petrópolis – Vozes, 2009.
- Neumann, Erich. *História da Origem da Consciência*. São Paulo – Cultrix, 2008.
- _____. *A Grande Mãe*. São Paulo – Cultrix, 2011.
- Neves, Maria Helena Moura. *A vertente grega da gramática tradicional – uma visão do pensamento grego sobre a linguagem*. São Paulo – Editora Unesp, 2005.
- Paula, João Antônio de. “Vico”. In: Lopes, Marcos Antônio (org.), *Idéias de História*. Londrina – Eduel, 2007.
- Pons, Alain. “Vico”. In: Huissman, Denis (diretor), *Dicionário dos Filósofos* – São Paulo – Martins Fontes, 2001.
- Reis, José Carlos. “Vico e a História Nova”. In: Lopes, Marcos Antônio (org.) *Grandes Nomes da Cultura Intelectual*. São Paulo - Editora Contexto, 2003.
- _____. *História e Teoria*. Rio de Janeiro – FGV, 2006.
- _____. *Wilhelm Dilthey e a autonomia das ciências histórico-sociais*. Londrina – Eduel, 2003.
- Ricoeur, Paul. *A Metáfora Viva*. São Paulo - Edições Loyola, 2000.
- Rossi, Paolo. *O Passado, a Memória, o Esquecimento – seis ensaios da história das idéias*. São Paulo - Editora UNESP, 2010.
- Rüsen, Jörn. *História Viva*. Brasília. Editora UNB – 2010.
- Russel, Bertrand. *História do Pensamento Ocidental*. Rio de Janeiro – Ediouro, 2001.
- Saliva, Elias Thomé. “Vico: Clássico das Antinomias Interpretativas da História”. In: Lopes, Marcos Antônio (org.) *Grandes Nomes da Cultura Intelectual*. São Paulo - Editora Contexto, 2003.
- Schultz, D.P e Schultz, S.E. *História da Psicologia Moderna*. São Paulo – Thomson, 2005.
- Silva, Rogério Forastieri. *História da Historiografia*. São Paulo, Edusp – 2001.
- Tarnas, Richard. *A Epopéia do Pensamento Ocidental*. Rio de Janeiro – Bertrand Brasil, 2005.
- Vico, Giambattista. *Princípios de uma Ciência Nueva em torno a La naturaliza común de las naciones*, 1ª edição 1725, Trad. José Carner, México - Fundo de Cultura Econômica, 2006.
- _____. *A Ciência Nova*. 3ª edição 1744, Trad. Marco Lucchesi, Rio de Janeiro – Record, 1999.
- _____. *A Ciência Nova*. 3ª edição 1744, Trad. Vilma de Katinszky, São Paulo – Editora Hucitec, 2010.
- _____. *Princípios de (uma) Ciência nova (acerca da natureza comum das nações)*. Coleção *Os Pensadores*. 3ª edição 1744. Seleção e Tradução Antônio Lázaro de Almeida Prado, São Paulo – Novacultural, 2005.
- _____. *Autobiografía de Giambattista Vico*. Edição de Moisés G. García e Josep M. Bisbal, Madrid – España – Siglo Veinteuno de España Editores, 1998.
- _____. *Obras. Oraciones inaugurales (1699 – 1707), Del Método de Estudios de Nuestro Tiempo (1708), Sobre la revelación de la antiqüíssima sabiduría de los italianos (1710) e Sobre la mente heróica (1732)*. Coleção Autores, Textos y Temas - Humanismo. Presentación Emílio Hidalgo-Serna; introducción José M. Sevilla; edición, traducción del latín e notas Francisco J. Navarro Gómez, Barcelona – España – Anthopos Editorial – 2002.

White, Hayden. *Trópicos do Discurso*. São Paulo, Edusp – 2001.

_____. *Meta-história*. São Paulo, Edusp – 2008.

_____. *The Fiction of Narrative. Essays on History, Literature and Theory – 1957 – 2007*. The Johns Hopkins University Press – 2010.

Whitrow, G. J. *O Tempo na História*. Rio de Janeiro – Jorge Zahar Ed., 1993.

ÍNDICE DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 – AS IDADES DA HISTÓRIA – 13

Quadro 2 – AS IDADES E OS TROPOS – 38

Quadro 3 – OS QUATRO TROPOS – 45

Quadro 4 – ASPECTOS DA GRANDE MÃE – 53

Quadro 5 – HISTÓRIA – DA PRÉ-HISTÓRIA À ANTIGUIDADE – 61

Quadro 6 – HISTÓRIA – DA IDADE MÉDIA À IDADE CONTEMPORÂNEA – 65

Quadro 7 – AS CIÊNCIAS CONFORME FOUCAULT – 68

Quadro 8 – TROPOS, ENREDOS, ARGUMENTAÇÕES E IDEOLOGIAS – 71

Quadro 9 – A HISTORIOGRAFIA VISTA POR QUATRO FILÓSOFOS DA HISTÓRIA – 73

Figura 1 – VICO: INFLUENCIADORES E INFLUENCIADOS - 40

Figuras 2, 3, 4 e 5 – *GESTALT* – 49

Figura 6 – HISTÓRIA DA MENTE - 76